



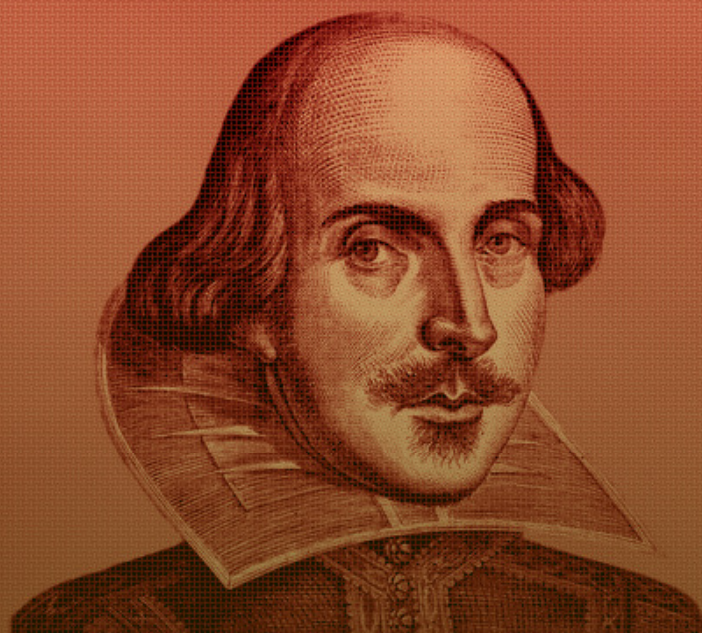
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



William Shakespeare

Júlio César

Tradução

Carlos Alberto Nunes



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Júlio César

William Shakespeare

Tradução

Carlos Alberto Nunes
(1897-1990)

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Editado a partir da edição de "Ridendo Castigat Mores" e versão de "eBooksBrasil.org", confrontando-se com a publicação das Edições Melhoramentos: "Obras completas de Shakespeare".

Livro Digital nº 910 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Estrangeira.

William Shakespeare

(1564 - 1616)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

JÚLIO CÉSAR



PERSONAGENS:

JÚLIO CÉSAR

OTÁVIO CÉSAR

MARCO ANTÔNIO } (triúnviros, depois da morte de Júlio César)

M. EMÍLIO LÉPIDO }

CÍCERO

PÚBLIO } (senadores)

POPÍLIO LENA }

MARCO BRUTO

CÁSSIO

CASCA

TREBÔNIO

LIGÁRIO

DÉCIO BRUTO

METELO CÍMBER

CINA

FLÁVIO

MARULO } (tribunos)

ARTEMIDORO (sofista de Cnido)

Um adivinho

CINA (poeta)

Outro poeta

LUCÍLIO

TITÍNIO

MESSALA

O MOÇO CATÃO

VOLÚMNIO

} (amigos de Bruto e Cássio)

VARRO
CLITO
CLÁUDIO
ESTRATO
LÚCIO
DARDÂNIO

} (criados de Bruto)

PÍNDARO (criado de Cássio)
CALPÚRNIA (esposa de César)
PÓRCIA (esposa de Bruto)
Senadores, cidadãos, guardas, pessoas do séquito, etc.

ATO I

CENA I

Roma. Uma rua. Entram Flávio, Marulo e alguns cidadãos.

FLÁVIO

Fora daqui, mandriões! Hoje é feriado? Já todos para casa! Sendo artífices, não podeis ignorar que não devíeis sair à rua em dia de trabalho sem trazerdes os símbolos do ofício. Que profissão é a tua? Vamos, dize.

PRIMEIRO CIDADÃO

Carpinteiro, senhor; carpinteiro.

MARULO

E tua régua, onde está? Onde puseste teu avental de Couro? Por que causa vestiste hoje esse traje domingueiro? E o vosso ofício, amigo?

SEGUNDO CIDADÃO

Para dizer a verdade, senhor, em relação a um trabalhador de classe, não passo, como diríeis, de um remendão.

MARULO

Mas de que ofício? Vamos, dize logo.

SEGUNDO CIDADÃO

Um ofício, senhor, que espero poder exercer com a consciência tranquila. Esse ofício, senhor, consiste em remendar solas estragadas.

MARULO

Que ofício, maroto? Responde logo, biltre: que ofício?

SEGUNDO CIDADÃO

Por obséquio, senhor, não estragueis a paciência por minha causa; mas o certo é que, se ficardes estragado, poderei remendar-vos.

MARULO

Que queres dizer com isso, atrevido: remendar-me?

SEGUNDO CIDADÃO

Perfeitamente, senhor; pôr-vos um remendo de sola.

FLÁVIO

Assim, queres dizer que és remendão de sapateiro, não é isso?

SEGUNDO CIDADÃO

É certo, senhor; vivo exclusivamente de minha sodela. Não me meto em assuntos de mercadores nem de mulheres; só me ocupo com a minha sodela. Para dizer tudo, senhor, sou um cirurgião de sapatos velhos; quando estes se acham em grande perigo, restituo-lhes a saúde. Não há gente fina que ande sobre couro de boi, que não pise em trabalho feito por estas mãos.

FLÁVIO

Mas por que hoje saíste da oficina? Por que andas pelas ruas com estes homens?

SEGUNDO CIDADÃO

Para falar franco, senhor, é para que eles gastem os sapatos e eu venha a obter mais trabalho. Mas a verdade, senhor, é que fizemos feriado para ver César e nos regozijarmos com o seu triunfo.

MARULO

Por que regozijar? Qual foi a grande conquista que ele fez? Que tributários o acompanham a Roma, para as rodas enfeitar-lhe do carro com seus liames do cativo? Não passais de troncos e de pedras; sois piores do que as coisas insensíveis. Corações duros, todos! Romanos cruéis, já não vos lembra o nome de Pompeu? Quantas vezes não trepastes pelos muros e ameias e nas torres ficastes e janelas e até mesmo no alto das chaminés, com vossos filhos nos braços e, pacientes, esperastes o dia todo, só para poderdes ver o grande Pompeu, quando passasse pelas ruas de Roma? E quando o carro dele vós, embora só de longe, vivas não dáveis, com ardor tamanho que no seu leito o Tibre estremecia ao estrondo que os ecos espalhavam por suas margens côncavas? E ora vestis vossas melhores roupas e inventais um feriado? Espalhais flores à passagem de quem marcha em triunfo no sangue de Pompeu? Fora daqui! Recolhei-vos a casa, ajoelhai-vos e aos deuses suplicai que a peste afastem que tanta ingratidão torna iminente.

FLÁVIO

Ide, bons cidadãos; por esta falta reuni os coitados como vós, e às margens do Tibre os conduzi, para chorar-lhe no leito, até que as ondas mais humildes os mais altos barrancos beijar possam. (*Saem os cidadãos*) Vede se não se derreteu o baixo metal de que são feitos. Retiraram-se com a língua atada pela própria culpa. Tomai a direção do Capitólio, que eu sigo por aqui. Despojai todas as estátuas que achardes enfeitadas.

MARULO

Poderemos fazê-lo? Deveis estar lembrado de que o dia hoje é das Lupercais.

FLÁVIO

Ora! Que importa? Não deixeis que os troféus de César pendam de estátua alguma. Vou correr as ruas e espalhar o povinho. A mesma coisa fareis vós, onde os virdes aos magotes. Essas penas nascentes, arrancadas à asa de César, vão cercear-lhe o voo, só o deixando elevar-se a um plano médio. Caso contrário, pairaria longe da mirada dos homens, conservando-nos atados ao temor servil e baixo.

(Saem)

CENA II

O mesmo. Uma praça pública. Entram, em procissão com música César, Antônio preparando para a corrida, Calpúrnia, Pórcia, Décio, Cícero, Bruto, Cássio e Casca, seguidos de grande multidão, na qual se acha um adivinho.

CÉSAR
Calpúrnia!

CASCA
Olá! Silêncio! César fala!

(Para a música)

CÉSAR
Calpúrnia!

CALPÚRNIA
Aqui, senhor!

CÉSAR
Fica no ponto por onde Antônio há de passar correndo. Antônio!

ANTÔNIO
César, meu senhor!

CÉSAR

Antônio, não vos esqueça, quando aqui passardes, de tocar em Calpúrnia. Já diziam nossos maiores que a mulher estéril, de sua maldição se via livre, quando tocada neste santo curso.

ANTÔNIO

Não hei de me esquecer. Sempre que César diz: Faze isto! já está feito.

CÉSAR

Começai, sem que rito algum se omita.

(Música)

ADIVINHO

César!

CÉSAR

Eh! Quem me chama?

CASCA

Silêncio, novamente! Pare tudo!

(Para a música)

CÉSAR

Quem dentre a multidão disse meu nome? Ouvi uma voz, mais alta do que a música, bradar por César. Fala; César se acha disposto para ouvir-te.

ADIVINHO

Tem cuidado com os idos de março!

CÉSAR

Que homem é esse?

BRUTO

Um adivinho; manda acautelardes-vos com os idos de março.

CÉSAR

Pois trouxei-mo; quero ver-lhe as feições.

CÁSSIO

Amigo, avança; sai do meio da turba; vem ver César.

CÉSAR

Que me dizes agora? Outra vez fala.

ADIVINHO

É dos idos de março. Tem cuidado!

CÉSAR

É um sonhador. Deixemo-lo. Sigamos!

(Fanfarra. Saem todos, menos Bruto e Cássio)

CÁSSIO

Não ides ver a ordem da corrida?

BRUTO

Não.

CÁSSIO

Ide, peço-vos.

BRUTO

Não sou jovial; careço desse espírito vivaz que há em Antônio. Mas não quero servir-vos de empecilho nesse ponto. Vou deixar-vos.

CÁSSIO

Bruto, há algum tempo vos observo e noto que no olhar já não tendes a brandura, aquelas mostras de amizade que antes eu costumava achar. Usais de modos por demais esquisitos, muito duros com respeito a um amigo que vos ama.

BRUTO

Meu caro Cássio, não vos iludais; se o olhar tenho velado, é apenas contra mim mesmo que dirijo meu desgosto. Paixões de diferente natureza me afligem de algum tempo, pensamentos que tão somente a mim dizem respeito, e que minha conduta, porventura, sujaram de algumas manchas. Mas não seja isso motivo, Cássio, para mágoa por parte dos amigos — entre o número dos quais estais incluído — não convindo que procureis explicação diversa senão dizer que Bruto, estando em guerra consigo mesmo, esquece-se, por vezes, de patentear o amor que vota aos outros.

CÁSSIO

Então, Bruto, enganei-me sobremodo quanto à causa de estardes alterado, razão de haver até hoje aqui no peito sepultado importantes pensamentos, dignos de reflexão. Bondoso Bruto, podeis, acaso, ver vosso conspecto?

BRUTO

Não, Cássio; o olho a si mesmo não se enxerga, senão pelo reflexo em outra coisa.

CÁSSIO

É justo. Por isso, Bruto, é que por toda a parte se lastima não terdes um espelho que aos olhos vos reflita o oculto mérito, porque pudésseis ver a própria sombra. Já ouvi os romanos de maior respeito — exceto o imortal César — referirem-se a Bruto e, suspirando sob o jugo de nosso ingrato tempo, lastimarem que Bruto olhos não tenha.

BRUTO

A que perigos, Cássio, quereis levar-me, concitando-me a procurar em mim o que me é estranho?

CÁSSIO

Então, bondoso Bruto, ouvi-me atento; e uma vez que sabeis ser impossível a vós próprio vos verdes, sem usar de um reflexo

qualquer, eu, vosso espelho, por maneira modesta vou mostrar-vos o que de vós desconheceis ainda. Não suspeiteis de mim, bondoso Bruto; se eu fosse um desses zombadores fúteis, como há tantos no mundo, e o meu afeto prostituísse com juras ordinárias com o primeiro falador solene que se me apresentasse; se souberdes de mim que os homens lisonjear costume, de encontro ao peito os prendo e, após, lhes lanço as maiores calúnias; ou se, acaso, me tomais por um desses que se expandem nos banquetes dos muitos... bem, concordo em ser considerado perigoso.

(Ouvem-se clarins e aclamações)

BRUTO

Essas aclamações que significam? Receio que haja o povo dado a César o título de rei.

CÁSSIO

Ah! Receais isso? Concluo, assim, que tal não desejáreis.

BRUTO

Realmente, Cássio; no entretanto, eu o amo. Mas por que me detendes tanto tempo? Que tendes a confiar-me? Sendo assunto do bem público, em frente de um dos olhos me ponde a honra e na do outro a feia morte, que eu, sem tremer, as fixarei de face. Sejam-me em tudo os deuses favoráveis, como a honra prezo e a morte não receio.

CÁSSIO

Sei, Bruto, que possúis essa virtude, como conheço vosso aspecto externo. A honra vai ser o assunto da conversa. Ignoro o que pensais e os outros homens sobre esta vida; mas com referência a mim próprio, direi que preferira não viver, a viver sempre com medo de um ser tal como sou. Nasci tão livre quanto César, tal qual se deu convosco; nós dois, tão bem quanto ele, nos criamos, como podemos suportar, como ele, os rigores do inverno. De uma feita, numa tarde enublada e tempestuosa, em que o Tibre agitado se batia dentro das próprias margens, perguntou-me César: “Cássio, ousarias atirar-te,

junto comigo, na corrente infensa e nadar até ali?” Mal acabara de falar-me, vestido como estava, joguei-me na água e a me seguir chamei-o, o que ele fez de fato. A correnteza roncava; nós lutávamos contra ela com membros indefesos, apartando-a e à sua fúria opondo o ousado peito. Mas antes de alcançarmos nossa meta, César gritou: “Socorro, Cássio! Afogo-me!” Então, tal como Enéias, nosso grande progenitor, que carregam aos ombros o velho Anquises e o salvara às chamas que Tróia devastavam: da corrente do Tibre, assim, tirei o exausto César. Num deus, agora, está mudado esse homem, sendo Cássio uma mísera criatura que precisa curvar-se, quando César com enfado lhe faz um gesto vago. Na Espanha apanhou febre; e, quando o acesso lhe vinha, notei bem como tremia. Sim, esse deus tremia; seus covardes lábios ficaram pálidos, e os mesmos olhos que ao mundo todo inspiram medo o brilho a perder vieram. Muitas vezes o ouvi gemer. Sim, essa mesma língua que os romanos deixava estupefatos, levando-os a guardar os seus discursos, ah! gritava tal qual donzela doente: “Água, Titínio! Dá-me um pouco de água!” Muito me espanta, ó deuses! ver que um homem de uma constituição assim tão fraca tenha passado à frente neste mundo majestoso e, sozinho, obtido a palma.

(Fanfarras e aclamações)

BRUTO

Aclamações de novo. Esses aplausos devem significar que novas honras vão sendo acumuladas sobre César.

CÁSSIO

Ele cavalga, amigo, o mundo estreito como um outro Colosso, enquanto os homens pequeninos lhe andamos por debaixo das pernas gigantescas e espreitamos por toda parte, a fim de ver se túmulos desonrados achamos. Há momentos em que os homens são donos de seus fados. Não é dos astros, caro Bruto, a culpa, mas de nós mesmos, se nos rebaixamos ao papel de instrumentos. Bruto e César! Que pode haver nessa palavra “César”, para soar melhor que vosso nome? Escrevei-os a par; tão belo é o vosso como o dele, não menos. Pronunciai-os: tanto um como outro assenta bem na boca.

Pesai-os; equilibram-se. Valei-vos deles para esconjuros; é certeza que “Bruto” fará vir qualquer espírito com a mesma rapidez que o fará “César”. Em nome, pois, dos deuses em conjunto, digei-me de que pratos nosso César se alimentou para ficar tão grande? Tempo, estás conspurcado! Já perdeste, Roma a semente de teu sangue nobre! Que idade, das inúmeras passadas desde o grande dilúvio, ficou célebre por um homem somente? Quem já disse, ao referir-se a Roma, que seus muros uma pessoa, apenas, abarcavam? Roma aí está, sendo realmente grande, se dentro dela só houver um homem. Oh! Ambos nós de nossos pais ouvimos que outro Bruto já houve, que aceitara com igual disposição em Roma a corte postar o diabo ou um rei.

BRUTO

Que me tendes amor, não ponho dúvida; o que esperais de mim, quase o adivinho; o que sobre isso penso e de nossa época, mais tarde vos direi. Mas por enquanto, se como amigo franco falar posso, desejaria que não insistísseis comigo. Vou pensar no que dissestes; com paciência ouvirei o que ainda tendes a me dizer, e ocasião propícia hei de encontrar para trocarmos nossas impressões sobre assunto de tal monta. Até então ruminai, prezado amigo, nestas palavras: Bruto preferira ser um aldeão a se contar no número dos filhos da alta Roma sob as duras condições que estes tempos nos ameaçam.

CÁSSIO

Alegro-me, por ver que minhas fracas palavras conseguiram tantas chispas fazer saltar de Bruto.

BRUTO

Terminaram os jogos; não demora, César volta.

CÁSSIO

Quando por nós passarem, puxai Casca pela manga, que em seu falar azedo nos contará o que houve de importante.

(Entra César com seu séquito)

BRUTO

Farei dessa maneira. Porém Cássio, observai como brilha no semblante de César o sinal de grande cólera, e como os outros todos têm o aspecto de criados repreendidos. Muito pálida está Calpúrnia, e lança olhares Cícero de furão, tão ardentes como quando no Capitólio o vemos, ao sentir-se contraditado pelos senadores.

CÁSSIO

Casca nos contará o que há de novo.

CÉSAR

Antônio!

ANTÔNIO

César!

CÉSAR

Ao meu lado só quero gente gorda, pessoas de cabelos luzidios, que durmam toda a noite. Aquele Cássio é seco por demais; inculca fome, pensa muito. É indivíduo perigoso.

ANTÔNIO

Não tenhas medo dele; não é homem perigoso, senão romano nobre e bem-intencionado.

CÉSAR

Desejara que não fosse tão magro. Pouco importa! Não o temo. Contudo, se meu nome comportasse algum medo, não conheço ninguém a que evitar eu procurasse como esse magro Cássio, que lê muito. É um grande observador e possui vista que devassa as razões dos nosso atos; não aprecia o teatro, como o fazes, Antônio, nem se apraz em ouvir música. Raramente sorri, e de tal modo sempre o faz, que parece estar zombando de si mesmo, por ter-se comovido a ponto de sorrir por qualquer coisa. Indivíduos assim nunca se sentem bem ao lado de alguém maior do que eles, sendo por isso muito perigosos. Digo-te antes o que é para temer-se. Não o que

temo, pois sou sempre César. Põe-te à minha direita, pois não ouço bem deste ouvido, e dize-me o que pensas a seu respeito, usando de franqueza.

(Clarins. Sai César com seu séquito; Casca fica para trás)

CASCA

Puxastes o meu manto; tendes algo para falar comigo?

BRUTO

Tenho, Casca. Contai-me o que passou, para que César ficasse de ar severo.

CASCA

Ora, estivestes junto dele, pois não?

BRUTO

Se tal se houvesse dado, por que eu teria feito a Casca semelhante pergunta?

CASCA

Ora, ofereceram-lhe uma coroa, e no ato de lha ofertarem ele a repeliu com o dorso da mão, deste jeito. Então o povo prorrompeu em aclamações.

BRUTO

E qual foi a causa da segunda gritaria?

CASCA

Ora, a mesma coisa.

CÁSSIO

Houve três aclamações. A última, por que foi?

CASCA

Ora, a mesma coisa.

BRUTO

Ofereceram-lhe três vezes a coroa?

CASCA

Sim, por minha fé, e ele a repeliu três vezes, cada uma com gesto mais brando; e de cada vez que a afastou de si, os meus honestos vizinhos prorrompiam em aclamações.

CÁSSIO

Quem lhe ofereceu a coroa?

CASCA

Antônio.

BRUTO

Amável Casca, conta-nos como isso se passou.

CASCA

Posso deixar-me enforcar tão bem como dizer a maneira por que isso se deu. Pura palhaçada; não prestei a menor atenção. Vi Marco Antônio oferecer-lhe uma coroa, não uma coroa de verdade, mas uma espécie de diadema. E, como já disse, ele a afastou de si uma vez; mas no meu modo de ver, apesar de tudo ele desejaria ficar com ela. Depois Antônio lha ofereceu de novo, tendo-a ele recusado mais uma vez; mas, segundo penso, custou-lhe retirar os dedos de cima dela. Então, pela terceira vez, ele a afastou de si, e, a cada recusa, a ralé prorrompia em aclamações, batia as mãos calosas, atirava para o ar os gorros suarentos de dormir e exalava um hálito de tal modo repugnante, por haver César recusado a coroa, que quase asfixiou César, pois ele desmaiou e caiu. De minha parte, não ousei rir, de medo de abrir a boca e aspirar o mau ar.

CÁSSIO

Devagar, por obséquio. Como! César desmaiou?

CASCA

Caiu na praça pública; tinha espuma na boca e ficou sem fala.

BRUTO

É possível, pois sofre de ataques.

CÁSSIO

Não, não é César, mas sois vós e eu e o honesto Casca que sofremos disso.

CASCA

Ignoro o que quereis dizer com isso; mas tenho certeza de que César caiu. Se a gentalha não o aplaudia e apupava, conforme o prazer ou o desprazer que achava nele, tal como costuma fazer no teatro com os comediantes, quero deixar de ser homem honesto.

BRUTO

E que disse ele quando voltou a si?

CASCA

Ora, antes de cair, ao perceber que o rebanho público se alegrava por haver ele recusado a coroa, abriu as vestes e ofereceu o pescoço para que lho cortassem. Se eu fosse um desses homens de trabalho, teria ido para o inferno com os patifes, se não lhe houvesse segurado a palavra. Nessa altura, ele caiu. Quando recuperou os sentidos, declarou que se por acaso houvesse feito ou dito algo inconveniente, pedia a Suas Senhorias que levassem isso à conta da doença. Três ou quatro marafonas que se achavam ao meu lado exclamaram: “Oh! Que bela alma!” e lhe perdoaram de todo o coração. Mas essa opinião carece de valor, porque elas teriam dito a mesma coisa, se César lhes houvesse apunhalado as próprias mães.

BRUTO

E depois disso ele se retirou aborrecido?

CASCA

Sim.

CÁSSIO

Cícero disse alguma coisa?

CASCA

Sim; falou em grego.

CÁSSIO

Com que intenção?

CASCA

Se vê-lo disser, desejo nunca mais olhar-vos o rosto; mas os que o compreenderam riram uns para os outros e sacudiram a cabeça; mas para mim era grego. Posso contar-vos mais algumas novidades. Marulo e Flávio, por haverem despojado das insígnias as estátuas de César, ficaram mudos para sempre. Passai bem. Houve outras palhaçadas, mas esqueceram-me.

CÁSSIO

Quereis cear hoje comigo, Casca?

CASCA

Não, já tenho compromisso.

CÁSSIO

Quereis jantar comigo amanhã?

CASCA

Sim, no caso de estar vivo, de não mudardes de ideia e de ser convidativo o jantar.

CÁSSIO

Muito bem; então espero-vos.

CASCA

Podeis esperar. Passai bem. (*Sai*)

BRUTO

Como ficou grosseiro este sujeito! No tempo de colégio era muito vivo.

CÁSSIO

Apesar de assumir essa aparência, ainda não mudou, quando se trata de executar algo de ousado ou nobre. Nele a rudeza é apenas o tempero de espírito sadio, que o apetite aos homens abre, porque facilmente digerir possam todos seus discursos.

BRUTO

É isso mesmo. Por ora, vou deixar-vos. Vou procurar-vos amanhã, no caso de quiserdes falar-me, ou, se o quiserdes, vinde até aqui, que por vós espero.

CÁSSIO

Prefiro ir. Até lá, pensai no mundo. (*Sai Bruto*) Muito bem Bruto; és nobre. No entanto, percebo que o ouro honrado de que és feito pode ser alterado. Desse modo, seria conveniente que os espíritos nobres só convivessem com seus pares; pois quem será tão firme que não possa ser reduzido? César me tem ódio, mas ama a Bruto. Se ora eu fosse Bruto, sendo ele Cássio, César não viria condescender comigo. Vou jogar-lhe na janela, hoje à noite, alguns bilhetes de letra diferente, para que ele pense que são diversos os autores que acordam no exalar o alto conceito que dele Roma faz. De modo vago, mencionada será a ambição de César. Que César se acautele depois disso, pois vai conosco ter muito serviço. (*Sai*)

CENA III

O mesmo. Uma rua. Trovões e relâmpagos. Por lados diferentes entram Casca, de espada em punho, e Cícero.

CÍCERO

Boa Noite, Casca. Acompanhastes César? Por que estais alterado e assim sem fôlego?

CASCA

Não ficais comovido, quando tremem os pilares da terra, como coisa sem resistência? Ó Cícero! Já tenho presenciado borrascas em que os ventos ralhadores fendiam os nodosos carvalhos, e já vi o oceano altivo, cheio de espuma e raiva, intumescer-se como se desejasse ir até às nuvens ameaçadoras. Mas até hoje à noite, até agora, jamais atravessei borrasca que chovesse apenas fogo. Ou há guerra civil no firmamento, ou este mundo, insolente em demasia com relação aos deuses, os incita a enviar-nos destruição.

CÍCERO

Já presenciastes nada mais espantoso?

CASCA

Um vil escravo — conheci-lo de vista — levantou a mão esquerda que queimava e ardia tal como vinte tochas. No entretanto, a mão, sem perceber o ardor do fogo, permanecia intacta. Além de tudo — desde esse instante não guardei a espada — encontrei um leão no Capitólio que em mim o olhar fixou e, sem tocar-me, prosseguiu, a rosnar, o seu caminho. Uma centena de mulheres pálidas num grupo se apinhavam mais adiante, transtornadas de medo, e que juravam ter visto homens de fogo pelas ruas. E ontem de dia o pássaro da noite desceu até ao mercado, enchendo os ares de pios e gemidos. Sempre que esses prodígios a tal ponto se congregam, não me venham dizer: “Têm suas causas, são fatos naturais!” pois estou certo de que são coisas de funesto agouro para a região desta arte assinalada.

CÍCERO

Nossa época é realmente muito estranha. Mas os homens os fatos interpretam conforme bem entendem, sem dar crédito aos fins dos próprios fatos. Virá César ao Capitólio?

CASCA

Vem, depois disse a Antônio que vos participasse isso amanhã.

CÍCERO

Então, boa noite, Casca; não devemos sair à rua com um tempo destes.

CASCA

Boa noite, Cícero.

(Sai Cícero. Entra Cássio)

CÁSSIO

Quem está aí?

CASCA

Um romano.

CÁSSIO

Se a voz é dele, é Casca.

CASCA

Ótimo ouvido, Cássio. Mas que noite!

CÁSSIO

Noite agradável para gente honesta.

CASCA

Quem ameaças do céu já viu desta arte?

CÁSSIO

Os que a terra conhecem por faltosa. Por minha parte, atravessei as ruas expondo-me aos perigos desta noite, e assim, desabotoado, como vedes, o peito ofereci ao duro raio. E quando parecia que o relâmpago azul em cruz ao céu rasgava o peito, no alvo me punha de seu forte brilho.

CASCA

Por que tentais os céus dessa maneira? Os mortais deveriam mostrar medo, quando os deuses potentes nos enviam sinais terríveis para aterrorar-nos.

CÁSSIO

Sois lerdo, Casca; ou careceis das vivas centelhas que devia haver no peito de todos os romanos, ou, se as tendes, não fazeis uso delas. Estais pálido, olhais estarecido, revelando-vos cheio de medo e espanto ante o espetáculo da cólera dos céus pouco frequentes. Mas se a escutar as verdadeiras causas vos resolvêsseis desses fogos todos dos fantasmas errantes, desses pássaros e animais esquisitos; porque os velhos, os tolos e os meninos profetizam, porque essas coisas todas mudam tanto, suas leis, natureza, faculdades inatas em monstruosas aparências, veríeis que se o céu nelas infunde tal espírito é só para empregá-las como instrumento de terror e aviso para os homens de uma época monstruosa. No entanto, Casca, eu poderia um homem nomear-te igual a esta terrível noite, um homem que troveja e emite raios, abre sepulcros e espantoso ruger tal qual o leão do Capitólio, um homem que em si mesmo não é mais poderoso do que eu ou tu, mas que cresceu por modo miraculoso, como todas essas estranhas erupções.

CASCA

Falas de César, não é verdade, Cássio?

CÁSSIO

Pouco importa quem seja. São dotados os romanos de músculos e membros como nossos antepassados; mas, para desgraça de todos, morto está, bem morto, o espírito de nossos pais, passando a governar-nos a alma de nossas mães. Nossa paciência no sofrer, nosso jugo, é bem o indício de que somos mulheres.

CASCA

É verdade; os senadores amanhã — murmura-se — querem fazer de César rei, podendo este usar a coroa em toda parte, no mar e em terra, exceto aqui na Itália.

CÁSSIO

Então já sei como hei de usar a adaga. Cássio há de libertar o próprio Cássio da escravidão. Deixais, para isso, ó deuses! os fracos

fortes e, para isso, ó deuses! derrubais os tiranos. Não há torre de pedra nem muralha de aço duro, nem calabouço infecto ou fortes elos que à força possam resistir do espírito. A vida, quando lassa dos entraves deste mundo, recursos não lhe faltam de pôr termo a si própria. Se sei isso, sabe o resto do mundo que a parcela de tirania sob a qual eu gemo, poderei arrojá-la para longe no instante em que o quiser.

(Trovões)

CASCA

Como eu, também. Assim, o escravo tem nas mãos os meios de cancelar o próprio cativo.

CÁSSIO

Então, por que há de César ser tirano? Pobre homem! Não ficara sendo lobo, sei-o bem, se não visse que os romanos não passam de carneiros. Quem deseja fazer depressa uma fogueira deve começar por gravetos. Que refugio, que montoeira de lixo ou bagaceira deve ser Roma, para transformar-se no baixo material que serve apenas para luz emprestar a uma criatura tão pífia quanto César! Mas, ó dor! para onde me levaste! Eu talvez fale diante de quem é escravo voluntário. Devo, pois, preparar minha resposta. Mas pouco importa; estou armado; todos os perigos me são indiferentes.

CASCA

Falais a Casca, não a um desses homens zombadores e amigos de cochichos. Dai-me a mão. Cabalai porque possamos reparar esses males, que hei de pôr-me junto dos que estiverem na dianteira.

CÁSSIO

Combinado. Ficai sabendo, Casca, que eu pude convencer alguns romanos mais bem intencionados a ajudarem-me numa empreitada, cujas consequências podem ser arriscadas e gloriosas. Neste momento esperam-me no pórtico de Pompeu, pois em noite assim medonha como a de hoje ninguém vem para as ruas fazer agitação ou divertir-se. O aspecto e a inquietação dos elementos parece-se

com a empresa que intentamos: cheia de fogo e sangue e mui terrível.

CASCA

Cuidado! Aí vem vindo alguém com pressa.

CÁSSIO

É Cina; reconheço-o pelos passos. É amigo. (*Entra Cina*) Cina, por que tanta pressa?

CINA

Ia a vossa procura. Quem é esse? Metelo Címber?

CÁSSIO

Casca, um associado de nossos planos. Cina, acaso esperam-me?

CINA

Muito me alegra. Mas que noite horrível! Alguns dos nossos companheiros viram formas estranhas.

CÁSSIO

E eu, sou esperado, Cina? Respondei logo.

CINA

Sim, esperam-vos. Ó Cássio! Se pudésseis ganhar o nobre Bruto para a causa!

CÁSSIO

Ficai tranquilo. Meu bondoso Cina, tomai este papel e ide depô-lo na curul do pretor, para que Bruto tenha de achá-lo; este outro, pela sua janela atirareis; este, com cera deverá ser fixado ao pé da estátua do velho Bruto. Depois disso vinde à sala de Pompeu, onde estaremos. Décio Bruto e Trebônio já estão lá?

CINA

Salvo Metelo Címber, já estão todos. À vossa casa Címber foi buscar-vos. Vou logo distribuir estes bilhetes conforme me indicastes.

CÁSSIO

Isso feito, comparecei ao teatro de Pompeu. (*Sai Cina*) Vinde, Casca. Eu e vós, antes da aurora veremos Bruto em casa. Já são nossas três partes dele, vindo a pertencer-nos o homem todo, ao primeiro assalto nosso.

CASCA

Oh! Lugar muito grande ele tem sempre no coração do povo. Tudo quanto de nossa parte parecera ofensa, sua reputação, com alquimia poderosa, em virtude transmudara e em mérito elevado.

CÁSSIO

Com justeza o indivíduo apreciastes e seus méritos, e como precisamos dele. Vamos; passa de meia-noite. Antes do dia teremos de acordá-lo e conquistá-lo.

(*Saem*)

ATO II

CENA I

Roma. No jardim de Bruto. Entra Bruto.

BRUTO

Olá, Lúcio! Eh! Pela altura dos astros não consigo saber quanto ainda falta para o dia. Lúcio! Não ouves? Lúcio! Quem me dera ter sono assim pesado. Lúcio! Acorda! Vamos, Lúcio, levanta-te! Não me ouves?

(*Entra Lúcio*)

LÚCIO

Chamaste-me, senhor?

BRUTO

Lúcio, põe uma vela no meu quarto; e, depois de acendê-la, vem chamar-me.

LÚCIO

Pois não, senhor. (*Sai*)

BRUTO

Preciso é que ele morra. Eu, por meu lado, razão pessoal não tenho para odiá-lo, afora a do bem público. Deseja ser coroado. Até onde influirá isso em sua natureza, eis a questão. É o dia claro que as serpentes chama, aconselhando-nos a andar com jeito. Ele, coroado? Sim, mas é certeza com isso darmos-lhe um ferrão, que o deixa capaz de realizar o mal que entenda. A grandeza exorbita, quando aparta da consciência o poder. Para ser franco com relação a César, nunca soube que as paixões ou a razão nele tivessem qualquer preponderância. Mas é coisa sabida em demasia que a humildade para a ambição nascente é boa escada. Quem ascende por ela, olha-a de frente; mas, uma vez chegado bem no cimo, volta-lhe o dorso, e as nuvens, só, contempla, desprezando os degraus por que subira. César assim fará. Antes que o faça, será bom prevenir. E, como a luta não poderá alegar o que ele é agora, argumentemos que se a sua essência vier a ser aumentada, é bem possível que incorra em tais e tais extremidades. Consideremo-lo ovo de serpente que, chocado, por sua natureza, se tornará nocivo. Assim, matemo-lo, enquanto está na casca.

(*Volta Lúcio*)

LÚCIO

Senhor, já está no quarto a vela acesa. Ao procurar, senhor, a pederneira na janela, encontrei este papel, selado como está. Tenho certeza de que lá não se achava, no momento em que fui para a cama.

BRUTO

Vai deitar-te novamente; ainda é noite. Mas, menino, não são os idos, amanhã, de março?

LÚCIO

Não sei senhor.

BRUTO

Vai ver no calendário e vem dizer-me.

LÚCIO

Perfeitamente, senhor. (*Sai*)

BRUTO

Os meteoros que zunem pelos ares clareiam tanto que é possível ler. (*Abre a carta*) “Bruto, dormes. Desperta e te contempla! Deverá Roma, etc. Fala, fere, conserta o que está torto! Bruto, dormes. Desperta!” Insinuações como esta me têm sido jogadas no caminho “Deverá Roma, etc.” A mim compete acrescentar o resto: Deverá Roma ter pavor de um homem? Como? Roma? Tarquínio foi expulso de suas ruas por meus antepassados, ao ser nomeado rei. “Fala, fere, conserta o que está torto!” assim, me incitam a falar e a ferir? Ó Roma! Tenho contigo o juramento de, no caso de haver reparação, das mãos de Bruto satisfação completa receberes.

(*Volta Lúcio*)

LÚCIO

Meu senhor, já expirou o décimo quarto dia do mês de março.

(*Batem*)

BRUTO

Bem. Bateram; vai ver quem é. (*Sai Lúcio*) Não durmo desde o instante em que me incitou Cássio contra César. Entre a realização de algum projeto pavoroso e a primeira ideia dele, o intervalo é um fantasma, um sonho horrível. O gênio e os mortais órgãos

permanecem em conselho, ficando o estado do homem, como um pequeno reino, a sofrer todos os males inerentes às revoltas.

(Volta Lúcio)

LÚCIO

Senhor, vosso irmão Cássio é que está à porta; deseja conversar-vos.

BRUTO

Está só?

LÚCIO

Não, senhor; estão com ele outras pessoas.

BRUTO

Reconheceste alguém?

LÚCIO

Ninguém, senhor; o chapéu todos trazem bem puxado, e no manto escondido, quase, o rosto, razão de não poder reconhecê-los.

BRUTO

Então faze-os entrar. *(Sai Lúcio)* Conspiração, se à noite tens vergonha de descobrir o rosto perigoso, quando os males circulam livremente: onde acharás, então, durante o dia, caverna assaz escura, porque o rosto monstruoso esconder possas? Não procures, conspiração, caverna desse jeito; esconde-o entre sorrisos e mesuras, pois se sob teu aspecto verdadeiro resolveres andar, nem o próprio Érebo será bastante escuro porque possa livrar-te de ser vista.

(Entram os conspiradores Cássio, Casca, Décio, Cina, Metelo Címber e Trebônio)

CÁSSIO

Bom dia, Bruto. Acaso incomodamos? Receio que sejamos importunos.

BRUTO

Não dormi até agora; a noite inteira tenho estado de pé. Essas pessoas são minhas conhecidas?

CÁSSIO

Todas elas. Não há entre os presentes quem não faça alto juízo de vós, sendo desejo de todos que tivésseis de vós próprio o conceito que tem todo romano de nobre e honrado sangue. Este é Trebônio.

BRUTO

Seja bem-vindo.

CÁSSIO

Este outro é Décio Bruto.

BRUTO

Também bem-vindo.

CÁSSIO

Aqui, Casca; aqui, Cina; e este, Metelo Címber.

BRUTO

Sejam todos bem-vindos. Que cuidados vigilantes se vos interpuseram entre os olhos e esta noite agitada?

CÁSSIO

Poderemos dizer uma palavra?

(Bruto e Cássio conversam baixo)

DÉCIO

Deste lado fica o nascente. O sol não nasce ali?

CASCA

Não.

CINA

Perdão, senhor, mas nasce. Aquelas raias cinzentas pelas nuvens anunciam que o dia vai nascer.

CASCA

Haveis agora de confessar que estais muito enganados. Deste ponto que minha espada mostra é que o sol se levanta, o qual já avança bastante para o sul e a sazão jovem do ano consigo leva. Mais dois meses, e há de ele ao norte conduzir os raios. O alto nascente, como o Capitólio, fica diretamente deste lado.

BRUTO

Dai-me as mãos; um por um.

CÁSSIO

Ora juremos nossa resolução.

BRUTO

De forma alguma; nada de juramentos. Se o conspecto dos homens, o que na alma já sofremos, os abusos do tempo, se tudo isso não for motivo suficiente, nesse caso será melhor não prosseguirmos e aos leitos preguiçosos retornarmos. Que faça o que entender a tirania, sorteando nossa morte quando o queira. Porém se essas razões, do que estou certo, contam fogo bastante para os próprios covardes inflamar e deixar rijo o espírito maleável das mulheres: então, concidadãos, que outros acúleos, além de nossa causa, serviriam de espicaçar-vos para o desagravo? Que outro liame mais forte, do que terem empenhado romanos fidedignos a palavra, sem virem a quebrá-la? Que melhor juramento, do que a própria honestidade à honestidade aliada no compromisso de fazer tal coisa, ou de morrer na empresa? Façam juras os padres, os covardes e os astutos, e esses tipos sem fibra, e as almas tímidas que saúdam, de grado, as injustiças. Jure nas ruins causas essa gente que inspira desconfiança. Não manchemos, porém, a alta virtude desta empresa nem nosso irresistível ardimento, com admitir que exige nossa causa, nossa resolução, alguma jura. Porque todas as gotas, até à última, do sangue de um romano, e sangue nobre, ficariam passíveis da

suspeita de bastardia, se ele a quebrar viesse a menor parte da palavra dada.

CÁSSIO

E Cícero? Convém sondá-lo, acaso? É quase certo que nos apoiara com bastante entusiasmo.

CASCA

É conveniente termo-lo ao nosso lado.

CINA

Oh! Seguremo-lo.

METELO

Precisamos ganhá-lo para a causa. Seus cabelos prateados nos granjeiam valiosas opiniões e vão trazer-nos vozes que recomendem nossos feitos. Dir-se-á que as mãos tivemos dirigidas por seu entendimento, não deixando seu venerando aspecto que se note quanto há de tumultuoso e irrefletido em nossa mocidade.

BRUTO

Oh! Não o nomeeis. Não lhe contemos nada, que ele nunca tomará parte em algo cuja ideia parta de outra pessoa.

CÁSSIO

Então deixemo-lo.

CASCA

Realmente, não convém.

DÉCIO

Além de César, ninguém mais cairá?

CÁSSIO

Mui bem pensado, Décio. No meu modo de ver todo esse assunto. Marco Antônio, tão amado de César, não devia sobreviver a César. Haveremos de encontrar nele um hábil intrigante. Sabeis que se ele

lançar mão dos meios de que dispõe, nos irá dar trabalho. A fim de evitar isso, é conveniente que Antônio e César caiam.

BRUTO

Sanguinária parecera essa empresa, Caio Cássio, se a cabeça cortássemos e os membros fizéssemos em postas, como a cólera assassina a que a inveja, depois, segue. Membro de César é Antônio, apenas. Caio, sejamos sacrificadores, não carneiros. Todos nós estamos agora contra o espírito de César, e no espírito do homem não há sangue. Se o espírito de César atingíssemos, sem desmembrarmos César! Impossível, infelizmente. Assim, por causa dele, César tem de sangrar. Nobres amigos, cortemo-lo em pedaços como prato para os deuses, em vez de mutilá-lo como carcaça própria para cães. Que nossos corações procedam como certos amos astutos, que dão ordem aos servos para um ato de violência, fingindo censurá-los depois disso. Assim, parecerá, quanto fizermos, necessário, sem laivo algum de inveja, o que aos olhos do povo há de ensejar-nos sermos chamados purificadores, não assassinos. Quanto a Marco Antônio, não penseis nele; só será possível que ele chegue aonde for a mão de César, quando a cabeça a César deceparmos.

CÁSSIO

Apesar disso, inspira-me receio; pois no amor arraigado que ele a César...

BRUTO

Ora, bondoso Cássio, deixai disso! Se ele ama a César, só contra ele pode refluir quanto faça: lastimar-se, morrer por César, e isso será muito, pois é dado aos prazeres e às loucuras, gostando de estar sempre acompanhado.

TREBÔNIO

Não há de que temer; que fique vivo, para rir, em futuro, de tudo isto.

(Um relógio bate horas)

BRUTO

Paz! Contemos as horas.

CÁSSIO

Três pancadas.

TREBÔNIO

Já é hora de irmos.

CÁSSIO

Mas é duvidoso que César hoje saia; ultimamente tem-se mostrado mui supersticioso, ao invés do que era antes, no tocante aos sacrifícios, fantasia e sonhos. É bem possível que os prodígios claros desta noite, o terror inusitado e a palavra dos áugures o impeçam de ir hoje ao Capitólio.

DÉCIO

Deixai isso por minha conta. Caso ele resolva por esse modo, sei como dobrá-lo. Gosta de ouvir dizer que os unicórnios com árvores se pegam, com espelhos os ursos, os leões com fortes redes, os elefantes com profundas covas e os homens com lisonjas. Mas, se digo que ele detesta adutores, dá-me razão, sem perceber quanto se deixa levar pela lisonja mais patente. Deixai-me trabalhar; saberei dirigir-lhe a fantasia, sendo certo levá-lo ao Capitólio.

CÁSSIO

Vamos todos buscá-lo à casa dele.

BRUTO

Às oito em ponto, não?

CINA

O mais tardar. É preciso que nisso ninguém falte.

METELO

Caio Ligário não suporta César, que censurou umas palavras suas em louvor de Pompeu. Estranho muito nenhum de vós ter-se lembrado dele.

BRUTO

Passai em casa dele, bom Metelo; dedica-me afeição, tendo-lhe eu dado motivo para tanto. Ele que venha falar-me, que hei de em pouco convencê-lo.

CÁSSIO

A manhã nos alcança. Amável Bruto, vamos partir. Amigos, dispersemos-nos, mas lembrai-vos de tudo o que dissestes e mostrai-vos romanos verdadeiros.

BRUTO

Cavalheiros, mostrai semblante alegre, sem revelar no olhar nossos protestos. Imitai nisso os nossos comediantes, com vivo espírito e formal constância. E agora, adeus; bom dia para todos. (*Saem todos, com exceção de Bruto*) Pequeno! Lúcio! Adormeceu de novo? Ora, que mal há nisso? Goza o orvalho doce e grave do sono. Não te inquietam esses fantasmas e as visões que o zelo sempre ativo nos cérebros engendra. Por isso dormes tão profundamente.

(*Entra Pórcia*)

PÓRCIA

Querido esposo! Bruto!

BRUTO

Pórcia, que houve! Por que vos levantastes? É imprudência expor o corpo grácil aos rigores de uma manhã tão fria.

PÓRCIA

O mesmo eu digo com relação a vós. Por modo pouco delicado fugistes-me do leito, e ontem à noite, à ceia, bruscamente vos levantastes e, de mãos nas costas, vos pusestes a andar de um lado e do outro, a meditar e a suspirar frequente. E ao perguntar-vos o que

acontecera, em mim fixastes um olhar severo. Insisti; a cabeça, então, coçando, no solo o pé batestes impaciente. Não desisti, contudo, sem resposta nenhuma obter, afora me acenardes com a mão, como a indicar que vos deixasse. Obedeci, de medo que pudesse irritar ainda mais a impaciência que parecia estar tão inflamada, afagando a esperança de que tudo fosse efeito do humor que em nosso espírito tem, por vezes, suas horas. O apetite vos tirou esse humor, não vos deixando dormir nem conversar, de tal maneira predominando sobre vosso espírito e a forma vos mudando, que até eu própria, Bruto, vos desconheço. Caro esposo, comunicai-me a causa dessa mágoa.

BRUTO

Não me sinto disposto; é apenas isso.

PÓRCIA

Bruto é sábio; se doente ele estivesse, procuraria os meios de curar-se.

BRUTO

É o que faço, realmente, boa Pórcia; ide deitar-vos.

PÓRCIA

Bruto está doente... É saudável, então, sair de casa mal vestido e aspirar este humor úmido da manhã? Como! Bruto está doente, e se esgueira do leito agasalhado, para expor-se ao contágio vil da noite, a este ar assim tão úmido e nocivo, para aumentar seus males? Não, meu Bruto, no espírito é que tendes uma doença, que, por direito e obrigação de esposa, preciso conhecer. Assim, de joelhos, pela beleza que já me elogiastes, pelas juras de amor que me fizestes e por aquele voto tão solene que nos uniu num corpo, uma pessoa fazendo de nós dois: peço dizerdes-me, a mim, vós próprio, a mim, vossa metade, o que vos deixa assim tão pensativo e que homens eram esses que esta noite vos vieram procurar; sim, pois é certo que aqui estiveram seis ou sete vultos que até da noite os rostos escondiam.

BRUTO

Gentil Pórcia, levanta-te.

PÓRCIA

De joelhos não ficara, se fosseis gentil Bruto. Dizei-me, Bruto, se constava cláusula no contrato do nosso casamento, segundo a qual eu nunca deveria tomar conhecimento dos assuntos que vos tocam de perto. Eu sou vós próprio, mas, por assim dizer, com toda sorte de restrições? Apenas para o leito vos partilhar, estar convosco à mesa, e conversar por vezes? Moro apenas no subúrbio de vossa inclinação? Se for assim, esposa não é Pórcia de Bruto, mas apenas concubina.

BRUTO

Sois minha honrada e verdadeira esposa, tão cara como as gotas que me afluem ao triste coração.

PÓRCIA

Se fosse certo quando dizeis, saber eu deveria qual seja esse segredo. Sou, de fato, mulher; mas a mulher que o senhor Bruto escolheu para esposa. Sou, de fato, mulher; porém mulher mui respeitada: sou filha de Catão. Pensais que, tendo tal pai e tal marido, eu não consiga. Vencer o próprio sexo? Revelai-me vossos segredos, que hei de ser discreta. Há pouco pus minha constância à prova, em mim mesma causando esta ferida, aqui, na coxa. A dor suportaria com paciência e os segredos não guardara que o esposo me confiasse?

BRUTO

Ó deuses! deuses! Deixai-me digno de tão nobre esposa! *(Batem)* Escuta! Estão batendo. Pórcia, afasta-te, que pouco a pouco ao seio hei de contar-te quanto ora o coração me traz inquieto. Revelar-te-ei meus compromissos todos, quanto se lê neste semblante triste. Sai logo. *(Sai Pórcia)* Lúcio, alguém bateu à porta?

(Volta Lúcio, com Ligário)

LÚCIO

É uma pessoa doente, que convosco deseja conversar.

BRUTO

Caio Ligário, de que falou Metelo! Fica à parte, menino. Então, Caio Ligário?

LIGÁRIO

De uma débil língua aceitai muito bom dia.

BRUTO

Oh! que tempo escolheste, bravo Caio, para estar doente! Se estivésseis são!

LIGÁRIO

Estarei bom, se em mente tiver Bruto qualquer ação digna do nome da honra.

BRUTO

Tenho em mente essa ação, Caio Ligário, se ouvido são tiverdes para ouvi-la.

LIGÁRIO

Oh! pelos deuses ante os quais se curvam os romanos, liberto-me da doença. Alma de Roma! Bravo filho, oriundo de rins honestos! Tal como exorcista, conjuraste-me o espírito dolente. Manda agora que eu corra, pois me sinto capaz de empreender coisas impossíveis e sair vencedor. Que há por fazer?

BRUTO

Algo capaz de deixar bom os doentes.

LIGÁRIO

E não teremos de deixar doente alguém que ainda está são?

BRUTO

Isso também. O que seja, meu Caio, hei de contar-te em caminho do ponto em que tivermos de executar o ato.

LIGÁRIO

Ide na frente que, com o peito inflamado, hei de seguir-vos, para realizar o que ainda ignoro. Basta ser Bruto o guia.

BRUTO

Então segui-me.

(Saem)

CENA II

O mesmo. Em casa de César. Trovões e relâmpagos. Entra César, em camisa de dormir.

CÉSAR

Não ficaram em paz o céu e a terra durante toda a noite. Em meio ao sono, por três vezes gritou Calpúrnia: “Acudam!” “Estão matando César!” — “Venha alguém!”

(Entra um criado)

CRIADO

Senhor?

CÉSAR

Manda que os sacerdotes sacrifiquem e traze-me depressa um bom augúrio.

CRIADO

Pois não, senhor.

(Entra Calpúrnia)

CALPÚRNIA

César, que pretendeis? Quereis sair? Não poreis hoje o pé fora de casa.

CÉSAR

César sairá. As coisas que me ameaçam, só me olham pelas costas; quando devem de César ver o rosto, já sumiram.

CALPÚRNIA

César, jamais dei crédito a prodígios, mas ora tenho medo. Aí dentro há alguém que a tudo que nós vimos e escutamos acrescenta visões apavorantes que aos guardas esta noite apareceram. Uma leoa na rua teve o parto; abriram-se sepulcros, expulsando seus mortos; pelas nuvens incendiados guerreiros digladiavam em fileiras e esquadrões ordenados, como em guerra, tendo sangue manchado o Capitólio. Agitava-se no ar a gritaria da batalha; cavalos relinchavam; gemiam moribundos, e os fantasmas, dando gritos, as ruas percorriam. Ó César! essas coisas ultrapassam a comum experiência e me amedrontam.

CÉSAR

Podemos evitar o que por meta assentaram os deuses poderosos? Apesar disso, César vai sair, pois essas predições se relacionam tanto ao mundo em geral como a ele apenas.

CALPÚRNIA

Quando morrem mendigos não se veem surgir cometas, mas o céu se incumbe de iluminar a morte dos monarcas.

CÉSAR

Muito antes de morrer, morre o covarde; só uma vez o homem forte prova a morte. Das coisas raras de que tenho ciência, sempre me pareceu a mais estranha terem os homens medo, embora saibam que a morte, um fim a todos necessário, vem quando vem. (*Volta o criado*) Os áugures que dizem?

CRIADO

Que não deveis hoje sair de casa. Retirando da vítima as entranhas, verificaram que ao animal faltava o coração.

CÉSAR

Os deuses fazem isso para vergonha, só, da covardia. César fora animal sem coração, se hoje, de medo, não saísse à rua. Não; César vai sair. Sabe o perigo que mais do que ele é César perigoso. Somos dois leões, nascidos num só dia; mas o mais velho eu sou e o mais terrível. César sairá.

CALPÚRNIA

Ó meu senhor! Anula-se vossa sabedoria ante esse arrojo. Não saiais hoje. Declarai a todos que o que vos prende em casa é o meu receio, não o vosso. Mandaremos ao senado Marco Antônio, incumbido de dizer-lhes que não vos sentis bem. Que assim, de joelho, eu consiga de vós alcançar isso.

CÉSAR

Marco Antônio dirá que estou indisposto; para agradar-te ficarei em casa. (*Entra Décio*) Eis Décio Bruto; ele dará o recado.

DÉCIO

Salve, César! Bom dia, digno César. Só vim para levar-vos ao senado.

CÉSAR

Chegais na hora precisa, para aos dignos senadores levardes meus saudares e lhes comunicar que hoje não saio. Que não posso... seria uma mentira. Não me atrevo... pior. Dize-lhes, Décio, apenas que hoje não sairei de casa.

CALPÚRNIA

Podeis acrescentar que ele está doente.

CÉSAR

César pode mentir? Teria, acaso, tão longe o braço posto nas conquistas, para vir a ter medo de a verdade dizer a uns barbas-brancas? Décio, dize-lhes que César não sairá.

DÉCIO

Mui poderoso César, contai-me alguma causa, ao menos, porque de mim não riam ao falar-lhes.

CÉSAR

Minha vontade é a causa: não sairei. Como razão para o senado, basta. Mas, porque vos estimo, para vossa satisfação, vou ser-vos mais explícito. Minha esposa, Calpúrnia, é que me prende, não querendo que eu saia. Viu, em sonho, minha estátua, esta noite, como fonte que despejava sangue por cem bocas, na qual as mãos banhavam, sorridentes e robustos romanos. Ela toma semelhante visão como advertência de perigo iminente e mau agouro, tendo, de joelho, suplicado que hoje de casa eu não saísse.

DÉCIO

Mas o sonho foi mal interpretado! É auspiciosa toda a visão e de feliz agouro. Vossa estátua a jorrar por muitos canos o sangue em que romanos sorridentes mergulhavam as mãos, é sinal certo de que de vós há de tirar mui breve sangue renovador a grande Roma, empenhando-se os homens mais ilustres por alcançar de vós brasões mais novos, relíquias e penhores. Isso, apenas, é o que revela o sonho de Calpúrnia.

CÉSAR

Mui bem o interpretaste desse modo:

DÉCIO

Máxime, quando ouvirdes o que tenho para comunicar. Ouvi, portanto. Decidiu o senado ofertar hoje uma coroa ao poderoso César. Se ficardes em casa e lhes mandardes recado por alguém, nesse sentido, talvez mudem de ideia. Além do mais, poderão pilheriar a esse respeito, se alguém vier a dizer: “Será prudente adiarmos a sessão até que a esposa de César tenha sonhos mais risonhos”. Pode a ausência de César ser motivo de cochichar alguém ao companheiro: “Olá! César tem medo”. Perdoai-me, César! Mas é o amor profundo por quanto vos atinja que me leva a criticar assim vossa atitude. E à razão segue o amor sempre em tais casos.

CÉSAR

Calpúrnia, como o vosso medo agora se nos mostra ridículo! Envergonho-me de lhe ter dado ouvidos. Dai-me a toga, pois resolvi sair. (*Entram Públio, Bruto, Ligário, Metelo, Casca, Trebônio e Cina*) Eis aí Metelo; veio buscar-me.

PÚBLIO

Salve, grande César!

CÉSAR

Sede bem-vindo, Públio. Como, Bruto! Tão cedo e já de pé? Bom dia, Casca. Caio Ligário, nunca vosso inimigo foi César tanto, como agora a febre que vos deixou tão magro. Que horas são?

BRUTO

César, bateram oito.

CÉSAR

Muito grato vos sou pelo trabalho e cortesia. (*Entra Antônio*) Vede! Antônio, que as noites passa em festa, já está de pé tão cedo. Salve, Antônio!

ANTÔNIO

Bom dia ao nobre César.

CÉSAR

Dai dentro ordem para que se preparem. A demora vai deixar-me passível de censura. Como? Cina e Metelo, então? Trebônio, temos uma horazinha de conversa. Não vos esqueça visitar-me ainda hoje; ficai perto de mim, porque me lembre.

TREBÔNIO

Pois não, César. (*À parte*) Tão perto hei de ficar, que hão de querer os vossos partidários ver-me um pouco mais longe.

CÉSAR

Entrai, amigos; bebamos vinho juntos. Depois disso, sigamos todos como bons amigos.

BRUTO (*à parte*)

Que o que parece igual nem sempre é o mesmo, sangra ao pensar o coração de Bruto.

(*Saem*)

CENA III

O mesmo. Uma rua perto do Capitólio. Entra Artemidoro, lendo um papel.

ARTEMIDORO

César, acautela-te de Bruto; toma cuidado com Cássio; não te aproximes de Casca; fica de olho com Cina; não confies em Trebônio; observa bem Metelo Címber; Décio Bruto não te ama; ofendeste Caio Ligário. Todos esses homens estão animados de uma única intenção, que se volta contra César. Se não fores imortal, olha à volta de ti. A negligência favorece a conspiração. Que os deuses poderosos te defendam. Teu amigo Artemidoro. Esperarei a vinda, aqui, de César, para dar-lhe isto como suplicante. O coração confrange-se-me à ideia de que escapar jamais possa a virtude às dentadas da inveja. Se me leres, ó César! viverás. Caso contrário, é que o destino também te é nefário. (*Sai*)

CENA IV

O mesmo. Outra parte da mesma rua, em frente à casa de Bruto. Entram Pórcia e Lúcio.

PÓRCIA

Pequeno, por favor, corre ao senado. Não percas tempo com respostas; corre! Que é que aguardas?

LÚCIO

Senhora, vossas ordens.

PÓRCIA

Quisera ter-te lá e aqui de volta, sem que fosse preciso mandar nada. Assiste-me, firmeza! Não me deixes, e entre meu coração e a minha língua põe de permeio uma montanha ingente. Tenho coragem de homem, mas a força é toda feminina. Quão difícil é para uma mulher guardar segredo! Ainda estás aí?

LÚCIO

Que é necessário fazer, minha senhora? Ao Capitólio correr, mais nada? E retornar, mais nada?

PÓRCIA

Isso, menino. Traze-me notícia de teu amo. Ele bem não se sentia no instante de sair. E toma nota do que faz César, quais os suplicantes que insistem junto dele. Quietos, Lúcio! Que barulho foi esse?

LÚCIO

Não percebo barulho algum, senhora.

PÓRCIA

Fica atento! Ouça um certo rumor, como de luta, que nos viesse trazido pelo vento dali do Capitólio.

LÚCIO

Sob palavra, minha senhora, mas não ouço nada.

(Entra o adivinho)

PÓRCIA

Vem cá, amigo; vens vindo de que lado?

ADIVINHO

Do lado de onde moro, boa dama.

PÓRCIA

Que horas já são?

ADIVINHO

Senhora, quase nove.

PÓRCIA

César se achará no Capitólio?

ADIVINHO

Ainda não, senhora. Eu, justamente, vou procurar lugar, para que possa vê-lo, quando passar.

PÓRCIA

Tens um pedido para fazer a César, não é isso?

ADIVINHO

Justamente, senhora. Caso César ouvir-me queira por amor de César, dir-lhe-ei que seja amigo de si mesmo.

PÓRCIA

Como assim? Tens notícia de que intentem algum dano contra ele?

ADIVINHO

Não prevejo nenhum mal conhecido, mas receio que possa acontecer muita desgraça. Mas passai bem; a rua, aqui, é estreita. A multidão que marcha atrás de César, senadores, pretores, suplicantes de toda espécie, poderia, quase, matar um pobre velho. Vou postar-me num lugar mais folgado, porque possa de passagem falar ao grande César. (*Sai*)

PÓRCIA

Preciso ir para dentro. Oh! Como é frágil o coração de uma mulher! Ó Bruto! O céu te assista nesse empreendimento! — O pequeno me ouviu, decerto. — Bruto tem um requerimento que não há de ser do gosto de César. — Oh! Desmaio. Corre depressa. Lúcio, recomenda-me ao meu senhor. Dá-lhe notícias minhas. Estou alegre, dize-lhe; e retorna, porque sua resposta me repitas.

(Saem por lados diferentes)

ATO III

CENA I

Roma. Diante do Capitólio. O senado está em sessão. Grande multidão na rua do Capitólio, na qual se veem Artemidoro e o adivinho. Clarins. Entram César, Bruto, Cássio, Casca, Décio, Metelo, Trebônio, Cina, Antônio, Popílio, Públio e outros.

CÉSAR *(ao adivinho)*

Chegaram os idos de março.

ADIVINHO

É certo, César; porém ainda não passaram.

ARTEMIDORO

Salve, César! Lê este pedido.

DÉCIO

Trebônio pede que esta humilde súplica mais de espaço por vós seja atendida.

ARTEMIDORO

Ó César! lê primeiro a minha, que ela toca a César de perto. Grande César!

CÉSAR

Com o que nos diz respeito não há pressa.

ARTEMIDORO

Não demores, ó César! Lê depressa.

CÉSAR

Como! É louco esse tipo?

PÚBLIO

Sai, maroto! Arreda do lugar!

CÉSAR

Que é isso? Todos apresentam na rua as petições? Entrai no Capitólio.

(César sobe para o senado; os demais o seguem. Os senadores se levantam)

POPÍLIO

Desejo que sejais bem sucedido no empreendimento de hoje.

CÁSSIO

Não compreendo, Popílio, essas palavras.

POPÍLIO

Passai bem.

(Vai para perto de César)

BRUTO

Que vos disse Popílio Lena?

CÁSSIO

Votos para que nosso empreendimento de hoje seja bem sucedido. Tenho medo de que hajam descoberto nosso plano.

BRUTO

Observai bem como ele fala a César.

CÁSSIO

Casca, há urgência; receio, que possamos ser nisso antecipados. Bruto, que há de fazer-se? Se falharem nossos planos, ou Cássio ou César ficará sem vida, pois é certo eu matar-me.

BRUTO

Sede firme, Cássio; Popílio Lena não lhe fala de nosso empreendimento. Está sorrindo, sem que César altere a compostura.

CÁSSIO

Trebônio tem noção do tempo. Vede, Bruto, como ele afasta Marco Antônio.

(Saem Antônio e Trebônio. César e os senadores se sentam)

DÉCIO

Metelo Címber onde está? Que venha apresentar a César seu pedido.

BRUTO

Está pronto; fiquemos perto dele, a fim de secundá-lo.

CINA

Sereis vós, Casca, o primeiro a levantar o braço.

CASCA

Estamos prontos? Não há queixa alguma que César e o Senado atender possam?

METELO

Muito alto, mui glorioso e forte César, Metelo Címber joga ante o teu sólio um coração humilde. *(Ajoelha-se)*

CÉSAR

Antes de tudo, Címber, quero advertir-te: essas zumbaias e esses salamaleques porventura a um homem baixo o sangue agitar podem e mudar uma ordem já emitida e uma sentença séria em lei de criança. Não sejas tolo de pensar que César tem sangue tão rebelde, que se deixe esbulhar de sua força verdadeira pelo que os tolos entenece, apenas. Por isso entendo essas palavras doces, reverências servis e essas carícias de cão adulator. Teu irmão se acha banido por decreto. Se te agachas, e acarícias, e por ele pedes,

expulso-te daqui como a um cachorro. Deves saber que César não é injusto e que ninguém, sem causa suficiente, consegue demovê-lo.

METELO

Não há voz mais valiosa do que a minha que aos ouvidos do grande César soe mais agradavelmente, para a volta do meu banido irmão?

BRUTO

Beijo-te as mãos César, mas sem lisonja, desejando que Públio Címber possa em breve tempo no gozo entrar de plena liberdade.

CÉSAR

Como? Bruto!

CÁSSIO

Perdão, César! Perdão! A esses pés se ajoelha, humilde, Cássio, para a volta pedir de Públio Címber.

CÉSAR

Se eu fosse vós, pudera comover-me. Se eu soubesse pedir, também seria maleável aos pedidos. Mas sou firme como a estrela do norte, cuja essência constante e inabalável não encontra paralelo no vasto firmamento. Ornam os céus inúmeras faíscas, de fogo todas e indizível brilho; mas uma apenas de lugar não muda. Assim, no mundo: de homens está cheio, homens de carne e sangue e inteligência. Mas, em tamanha cópia, um só, conheço que, inatacável, seu lugar não deixa, sempre surdo a pedidos: sou esse homem. Deixai-me, pois, mostrar agora um pouco que, ao banir Címber, fui constante, como constante sou, no exílio conservando-o.

CINA

Ó César!...

CÉSAR

Fora daqui! Queres virar o Olimpo?

DÉCIO

Grande César!...

CÉSAR

Bruto não se ajoelhou sem obter nada?

CASCA

Braços, falai por mim.

(Apunhalam César)

CÉSAR

Et tu, Bruto? Então, que morra César. *(Morre)*

CINA

Morreu a tirania! Liberdade! Proclamai pelas ruas! Liberdade!

CÁSSIO

Suba alguém às tribunas e proclame “Independência, liberdade e ordem!”

BRUTO

Senadores e povo, ficai calmos; não precisais revelar medo; a dívida da ambição já foi paga.

CASCA

Sobe ao púlpito, Bruto.

DÉCIO

Cássio também.

BRUTO

Onde está Públio?

CINA

Aqui, de todo desolado, à vista dos acontecimentos.

METELO

Ficai juntos, para que não se dê que um dos amigos de César...

BRUTO

Não falemos disso agora; nada de ficar juntos. Públio, anima-te! Ninguém pensa em fazer-te mal algum, nem a qualquer romano. Ide dizer-lhes isso mesmo.

CÁSSIO

Convém deixar-nos, Públio, para evitar que o povo, ao atacar-nos, vos cause dano às cãs.

BRUTO

Sim, fizei isso, e que não chame a si ninguém esse ato, senão nós, seus autores.

(Volta Trebônio)

CÁSSIO

Onde está Antônio?

TREBÔNIO

Em casa, estupefato. Pais, mães e filhos olham-se perplexos, correm em gritos, como se estivéssemos no dia do juízo.

BRUTO

Fado, mostra o que de nós pretendes. Que haveremos de morrer, já o sabemos; é só o tempo e a sucessão dos dias que a esse ponto deixa os homens aflitos.

CASCA

Quem vinte anos tira da vida, encurta de igual tempo o medo de morrer.

BRUTO

Se isso aceitarmos, ficará sendo a morte um benefício. De César somos, desse modo, amigos, pois o medo da morte encurtamos. Romanos, abaixai-vos! Abaixai-vos! Os braços mergulhem neste

sangue e com ele tinjamos as espadas. Sangue é de César. Depois disso, vamos à praça pública e, agitando os gládios ensanguentados, a uma voz gritemos: “Independência, paz e liberdade!”

CÁSSIO

Abaixai-vos, então, e as mãos tingi. Quantas vezes, nos séculos vindouros, há de ser posto em cena nosso feito sublime, em povos por nascer e línguas ainda não constituídas!

BRUTO

Quantas vezes sangrará por brinquedo o grande César, que aos pés da estátua de Pompeu se encontra valendo quanto o pó.

CÁSSIO

Todas as vezes que isso se vir, de nós dir-se-á que fomos os que demos à pátria liberdade.

DÉCIO

Como é, vamos ou não?

CÁSSIO

Vamos, reunidos. À testa marche Bruto; nós os passos lhe enfeitaremos com romanos peitos de ousadia e firmeza inigualáveis.

(Entra um criado)

BRUTO

Quietos. Vem vindo alguém. Ah! É um amigo de Marco Antônio.

CRIADO

Bruto, desse modo me ordenou meu senhor que eu me ajoelhasse, e assim, prostrado, me ordenou dizer-vos: Bruto é valente, nobre, sábio e honesto; César foi grande, altivo, real e bom. Dize que eu amo a Bruto e sei honrá-lo. Dize-lhe mais que a César eu temia, amava e honrava. Permitindo Bruto que, salvo, Antônio dele se aproxime, para saber de que maneira César mereceu essa morte, Marco Antônio não há de amar César defunto tanto quanto Bruto

com vida, mas, fielmente, há de seguir as obras e o destino do nobre Bruto em todos os azares deste estado de coisas não trilhado. Assim falou meu amo Marco Antônio.

BRUTO

Romano bravo e sábio é o teu senhor. Nunca o julguei ruim. Dize-lhe que se for do agrado dele vir até aqui, far-lhe-ei nisso a vontade, asseverando, sob palavra de honra, que partirá ileso.

CRIADO

Vou buscá-lo. (*Sai*)

BRUTO

Sei que ele há de ficar sendo um dos nossos.

CÁSSIO

É o que desejo; mas em mim se agita algo que o teme, e meus pressentimentos, por desgraça, são sempre confirmados.

(*Volta Marco Antônio*)

BRUTO

Eis Marco Antônio. Sê bem-vindo, Antônio.

ANTÔNIO

Ó poderoso César! Tão por baixo! Todas as tuas glórias, as conquistas, teus espólios e triunfos, a medida tão pequena ficaram reduzidos? Adeus! Não sei o que pensais, senhores, sobre os que ainda devem perder sangue, por ter sangue demais. Se achais preciso que eu o derrame, hora não há melhor do que esta em que deixou de viver César, nem instrumento que em valor se iguale ao de vossas espadas, ora ricas do sangue mais precioso deste mundo. Suplico-vos, no caso de me terdes como suspeito, executai o intento sem perda de um instante, enquanto as rubras mãos ainda vos fumegam. Se eu vivesse mil anos, impossível fora achar-me tão apto para morte como agora. Nenhum lugar me agradaria tanto para

morrer, nem gênero de morte, como junto de César, sendo eu morto pelos maiores homens de nossa época.

BRUTO

Não nos peças, Antônio, morte alguma. Embora pareçamos sanguinários neste momento, e cruéis, como nos mostra o ato por estas mãos levado a termo, vedes apenas nossas mãos e a empresa sanguinosa por elas realizada. Os corações não vedes; mas são todos compassivos. Assim, foi a piedade — tal como o fogo é pelo fogo expulso, a piedade à piedade dá combate — que em César isto fez. Nossas espadas, para vós, Marco Antônio, são de chumbo. Nestes braços, isentos de malícia, e em corações de fraternal afeto, vos acolhemos com amor sincero, reverência e intenções em tudo retas.

CÁSSIO

E na distribuição das dignidades nenhuma voz será mais poderosa do que a vossa.

BRUTO

Pedimos-vos paciência, tão-somente, até ver se conseguimos acalmar este povo, que, de medo, ficou fora de si. Depois, diremos porque eu, que amava César ao golpeá-lo, me decidi a realizar este ato.

ANTÔNIO

Vossa sabedoria me conforta. Deem-me todos, agora, as mãos sangrentas. Primeiramente, Marco Bruto, a vossa; agora a vossa, Caio Cássio; o mesmo faremos, Décio Bruto; vós Meteleo; vós, também, Cina; vós, valente Casca, e vós, meu bom Trebônio, conquanto o último não o menos querido. Cavalheiros... Ai de mim! Que direi? Neste momento minha reputação se acha em terreno tão escorregadio, que é forçoso verdes-me por dois prismas igualmente deformadores: ou como covarde, ou como adulator. Que eu te votava, César, amor sem par, oh! é verdade. Se nos contempla agora o teu espírito, não será para ti mais doloroso que a própria morte, veres teu Antônio fazer as pazes com teus inimigos — ó nobre César! — diante de teu corpo? Se tantos olhos eu tivesse quantas

feridas em ti vejo, porque todos lágrimas derramassem como o sangue que delas ora escorre! Melhor fora para mim, do que ter com teus inimigos concluído assim um pacto de amizade. Perdão, meu Júlio. Como foste acuado, bravo cervo! Tombaste neste ponto; teus caçadores aqui mesmo se acham, do espólio opimo altivos, e ainda rubros das águas do teu Lete. Ó mundo, foste deste cervo a floresta, bem como ele, teu próprio coração. Oh mundo! Como pareces onde te achas, uma caça por fidalgos altivos abatida!

CÁSSIO

Marco Antônio...

ANTÔNIO

Perdoa, Caio Cássio. Poderiam ser ditas tais palavras por inimigos de César; proferidas, porém, por um amigo, ainda revelam muita moderação.

CÁSSIO

Não vos censuro por elogiardes César desse modo. Mas como pretendeis ficar conosco? No número incluído dos amigos? Seguiremos avante, sem que em nada dependamos de vós?

ANTÔNIO

Para isso mesmo apertei-vos as mãos; mas esqueceu-me no instante de ver César. Sou amigo de todos vós, e amor a todos voto, esperando que haveis de revelar-me porque e como era César perigoso.

BRUTO

Se não o fosse, isto tudo não passara de espetáculo selvagem. Tão razoáveis são os motivos que ora nos dirigem, que embora fosseis, Marco Antônio, filho de César, ficaríeis satisfeito.

ANTÔNIO

Não desejo outra coisa. Mas quisera também a permissão de pôr o corpo na praça do mercado e, como amigo do morto, discursar na cerimônia.

BRUTO

Pois não, Antônio.

CÁSSIO

Bruto, uma palavra. (*À parte, para Bruto*) Não lhe deis permissão de ir à tribuna, durante os funerais. Fazeis ideia de como o povo poderá deixar-se mover por seu discurso?

BRUTO

Perdão, Cássio; mas eu, primeiro, falarei de público, para as razões expor do passamento do nosso César. Quanto Marco Antônio disser depois, explicarei, é feito com nossa permissão e inteiro acordo. E mais: que permitimos tenha César todas as honras fúnebres e os ritos que a lei faculta aos mortos Tiraremos de tudo mais vantagem do que dano.

CÁSSIO

Quem sabe o que daí resultar pode? Nada disso me agrada.

BRUTO

Marco Antônio, aqui tendes o corpo. No discurso fúnebre não deveis lançar nenhuma censura sobre nós. Dizei de César todo o bem que quiserdes, explicando que permissão vos demos para tanto. A não ser isso, ficareis excluído das cerimônias fúnebres. E ainda: será vossa oração dita da mesma tribuna em que eu falar, quando concluído eu tiver o discurso.

ANTÔNIO

Mais do que isso não desejo. Está bem.

BRUTO

Prepara, então, o corpo e vem conosco.

(*Saem todos, com exceção de Antônio*)

ANTÔNIO

Ó pedaço de terra a verter sangue, perdoa o revelar-me humilde e brando com estes carneiros! És a ruína do mais nobre homem que jamais vivera na corrente do tempo. Ai, ai da mão que fez correr tão precioso sangue! Faço uma profecia em face destas feridas que, de bocas mudas, abrem os lábios de rubi para pedir-me à língua voz e fala: sobre os homens pesará maldição, lutas internas e uma guerra civil das mais terríveis todas as partes encherão da Itália; o sangue e a destruição de tal maneira ficarão familiares, que somente há se sorrir as mães perante a vista dos filhos massacrados pela guerra; asfixiada a piedade vai tornar-se pelo hábito do crime, e o grande espírito de César, sequioso de vingança, com Ate ao lado, rubra ainda do inferno, em tom de mando gritará por todos estes confins: “Nenhum quartel!” enquanto desprende os cães da guerra. Este ato horrível emprestará a terra de cadáveres que reclamam condigna sepultura. (*Entra um criado*) Servis a Otávio César, não é isso?

CRIADO

Perfeitamente, Marco Antônio.

ANTÔNIO

César lhe havia escrito que viesse a Roma.

CRIADO

Recebeu sua carta e está em caminho, havendo-me ordenado que oralmente vos relatasse... (*Percebendo o cadáver*) — Oh César!

ANTÔNIO

Tens glorioso coração. Fica à parte e chora a flux. É contagiosa a dor, percebo-a agora, pois vendo-te nos olhos essas contas da tristeza, os meus sinto umedecidos. Teu amo, então, virá?

CRIADO

Ainda esta noite dormiu a sete léguas, só, de Roma.

ANTÔNIO

Então monta depressa e vai contar-lhe quanto aqui se passou. Uma lugente Roma é esta, uma Roma perigosa, uma Roma que a Otávio

não faculta nenhuma segurança. Vai depressa; relata-lhe o que viste. Não! Espera. Só irás depois que o corpo eu tiver posto na praça do mercado e haja sondado com minha oração fúnebre a maneira por que o povo interpreta as consequências da ação desses sujeitos sanguinários. Conforme o resultado, ao moço Otávio contarás em que pé estão as coisas. Dai-me a mão.

(Saem com o corpo de César)

CENA II

O mesmo. O Foro. Entram Bruto e Cássio, seguidos de grande número de cidadãos.

CIDADÃOS

Dai-nos explicações.

BRUTO

Então, amigos, vinde comigo e me prestai ouvidos. Caio Cássio, tomai por outra rua; dividamos o povo. Deixai aqui tão-só os que ouvir-me queiram; os que quiserem ir com Cássio, sigam-no. Serão ditos em público os motivos de havermos morto César.

PRIMEIRO CIDADÃO

Eu não saio; quero ouvir Bruto.

SEGUNDO CIDADÃO

Eu, Cássio. Desse modo, confrontar poderemos os motivos de ambos, depois de ter ouvido à parte.

(Sai Cássio com alguns cidadãos; Bruto sobe à tribuna)

BRUTO

Sede pacientes até o fim. Romanos, concidadãos e amigos! Ouvi a exposição da minha causa e fazei silêncio, para que possais ouvir. Crede em minha honra e respeitai minha honra, para que possais acreditar nela. Julgai-me segundo vossa sabedoria e ficai com os

sentidos despertados, para que possais julgar melhor. Se houver alguém nesta reunião, algum amigo afetuoso de César, dir-lhe-ei que o amor que Bruto dedicava a César não era menor do que o dele. E se esse amigo, então, perguntar por que motivo Bruto se levantou contra César, eis minha resposta: não foi por amar menos a César, mas por amar mais a Roma. Que teríeis preferido: que César continuasse com vida e vós todos morrêsseis como escravos, ou que ele morresse, para que todos vivêsseis como homens livres? Por me haver amado César, pranteio-o; por ter sido ele feliz, alegro-me; por ter sido valente, honro-o; mas por ter sido ambicioso, matei-o. Logo: lágrimas para a sua amizade, alegria para sua fortuna, honra para o seu valor e morte para a sua ambição. Haverá aqui, neste momento, alguém tão vil que deseje ser escravo? Se houver alguém nessas condições, que fale, porque o ofendi. Haverá alguém tão grosseiro para não querer ser romano? Se houver, que fale, porque o ofendi. Haverá alguém tão desprezível, que não ame sua pátria? Se houver, que fale, porque o ofendi. Faço uma pausa, para que me respondam.

CIDADÃOS

Ninguém, Bruto; ninguém.

BRUTO

Nesse caso, não ofendi ninguém. Não fiz a César se não o que faríeis a Bruto. O inquérito sobre sua morte se acha depositado no Capitólio; sua glória não foi depreciada, com referência aos seus merecimentos, não tendo sido, também, exagerados os crimes pelos quais veio a sucumbir. (*Entram Antônio e outros, com o corpo de César*) Aí vem o seu corpo, chorado por Marco Antônio, que, muito embora não houvesse tomado parte em sua morte, será beneficiado por ela, pois passará a ocupar um cargo na República. Quem de vós, também, não ocupará um cargo? Despeço-me com isto: assim como matei o meu melhor amigo por amor de Roma, assim também conservarei o mesmo punhal para mim próprio, quando minha pátria necessitar que eu morra.

CIDADÃOS

Viva Bruto! Viva! Viva!

PRIMEIRO CIDADÃO

Levai-o para casa triunfalmente.

SEGUNDO CIDADÃO

Uma estátua erijamos e ponhamo-la ao lado das dos seus antepassados.

TERCEIRO CIDADÃO

Que César ele seja.

QUARTO CIDADÃO

As boas partes de César hão de em Bruto ser coroadas.

PRIMEIRO CIDADÃO

Por entre aclamações e grande júbilo levá-lo-emos a casa.

BRUTO

Concidadãos...

SEGUNDO CIDADÃO

Silêncio! Ficais quietos, que Bruto vai falar!

PRIMEIRO CIDADÃO

Olá! Silêncio!

BRUTO

Caros concidadãos, é meu desejo voltar só para casa; porém peço-vos que por amor de mim fiqueis com Antônio. Prestai honras ao corpo, aqui, de César, e ao discurso em que Antônio há de suas glórias enaltecer, o que lhe permitimos. Encarecidamente a todos peço que, a não ser eu, ninguém daqui se arrede até que Marco Antônio haja falado. (*Sai*)

PRIMEIRO CIDADÃO

Ficais todos! Ouçamos Marco Antônio.

TERCEIRO CIDADÃO

Subi à tribuna! Vamos escutá-lo. Nobre Antônio, subi.

ANTÔNIO

Muito obrigado vos fico, por amor, tão-só, de Bruto. (*Sobe à tribuna*)

QUARTO CIDADÃO

Que disse ele de Bruto?

TERCEIRO CIDADÃO

Que obrigado ficava a todos nós por amor dele.

QUARTO CIDADÃO

Será bom que ele aqui não diga nada contra o nome de Bruto.

PRIMEIRO CIDADÃO

Que tirano foi esse César!

TERCEIRO CIDADÃO

Justo. Para Roma, foi grande bênção ficar livre dele.

SEGUNDO CIDADÃO

Ficai quietos! Ouçamos Marco Antônio!

ANTÔNIO

Generosos romanos...

CIDADÃOS

Psiu! Ouçamo-lo.

ANTÔNIO

Concidadãos, romanos, bons amigos, concedei-me atenção. Vim para o enterro fazer de César, não para elogiá-lo. Aos homens sobrevive o mal que fazem, mas o bem quase sempre com seus ossos fica enterrado. Seja assim com César. O nobre Bruto vos contou que César era ambicioso. Se ele o foi, realmente, grave falta era a sua,

tendo-a César gravemente expiado. Aqui me encontro por permissão de Bruto e dos restantes — Bruto é homem honrado, como os outros; todos, homens honrados — aqui me acho para falar nos funerais de César. César foi meu amigo, fiel e justo; mas Bruto disse que ele era ambicioso, e Bruto é muito honrado. César trouxe numerosos cativos para Roma, cujos resgates o tesouro encheram. Nisso se mostrou César ambicioso? Para os gritos dos pobres tinha lágrimas. A ambição deve ser de algo mais duro. Mas Bruto disse que ele era ambicioso, e Bruto é muito honrado. Vós o vistes nas Lupercais: três vezes recusou-se a aceitar a coroa que eu lhe dava. Ambição será isso? No entretanto, Bruto disse que ele era ambicioso, sendo certo que Bruto é muito honrado. Contestar não pretendo o nobre Bruto; só vim dizer-vos o que sei, realmente. Todos antes o amáveis, não sem causa. Que é então que vos impede de chorá-lo? O julgamento! Foste para o meio dos brutos animais, tendo os humanos o uso perdido da razão. Perdoai-me; mas tenho o coração, neste momento, no ataúde de César; é preciso calar até que ao peito ele me volte.

PRIMEIRO CIDADÃO

Penso que em sua fala há muito senso.

SEGUNDO CIDADÃO

Se bem considerardes, procederam muito mal contra César.

TERCEIRO CIDADÃO

Sim, amigos? Temo que em seu lugar venha outro pior.

QUARTO CIDADÃO

Prestastes atenção no que ele disse? Recusou a coroa. Logo, é certo não ter sido ambicioso.

PRIMEIRO CIDADÃO

Isso provado, muita gente terá de pagar caro.

SEGUNDO CIDADÃO

Pobre alma! Tinha os olhos como fogo, à força de chorar.

TERCEIRO CIDADÃO

Em toda Roma não há ninguém mais nobre do que Antônio.

QUARTO CIDADÃO

Atenção! Ele vai falar de novo.

ANTÔNIO

Até ontem a palavra do alto César podia resistir ao mundo inteiro. Hoje, ei-lo aí, sem que ante o seu cadáver se curve o mais humilde. Ó cidadãos! Se eu disposto estivesse a rebelar-vos o coração e a mente, espicaçando-os para a revolta, ofenderia Bruto, ofenderia Cássio, que são homens honrados, como vós bem o sabeis. Não pretendo ofendê-los; antes quero ofender o defunto, a mim e a vós, do que ofender pessoas tão honradas. Vede este pergaminho: traz o selo de César. Encontrei-o no seu quarto; é o testamento dele. Caso o povo sua leitura ouvisse — desculpai-me, mas não pretendo lê-lo — correriam todos a depor beijos nas feridas do morto César e a tingir os lenços em seu sagrado sangue. Mais: viriam mendigar-lhe um cabelo, por lembrança, que, ao morrerem, seria em testamento transmitido aos herdeiros sucessivos, como rico legado.

QUARTO CIDADÃO

Desejamos ouvir o testamento. Lede-o, Antônio.

CIDADÃOS

O testamento! Lede o testamento de César!

ANTÔNIO

Acalmai-vos, bons amigos. Não posso lê-lo; não convém ficardes sabendo quanto César vos amava. Não sois de pedra, nem de pau, mas homens; e, como tal, se ouvísseis a leitura do testamento dele, poderíeis inflamados ficar, ficar furiosos. Conveniente não é ficardes todos sabendo que os herdeiros sois de César; pois se o soubésseis, que não se daria?

QUARTO CIDADÃO

O testamento! Lede o testamento de César, Marco Antônio! Lede-o logo!

ANTÔNIO

Não podeis acalmar-vos um momento? Fui indiscreto ao vos falar sobre isso. Temo ofender quantos honrados homens apunhalaram César. Temo-o muito.

QUARTO CIDADÃO

Homens honrados, nada! São traidores.

CIDADÃOS

São vilões e assassinos todos eles. O testamento! Lede o testamento!

ANTÔNIO

Forçais-me, então, a ler o testamento? Sendo assim, vinde em círculo postar-vos ao redor do cadáver, porque eu possa apontar-vos o autor do testamento. Posso descer? Consentireis que o faça?

CIDADÃOS

Vinde para cá.

SEGUNDO CIDADÃO

Descei.

(Antônio desce da tribuna)

TERCEIRO CIDADÃO

Estais autorizado a fazê-lo.

QUARTO CIDADÃO

Façamos um círculo.

PRIMEIRO CIDADÃO

Afastai-vos do ataúde Afastai-vos do corpo!

SEGUNDO CIDADÃO

Demos lugar para Antônio, para o muito nobre Antônio!

ANTÔNIO

Não me aperteis tanto. Afastai-vos um pouco.

CIDADÃOS

Recuai! Espaço! Recuai!

ANTÔNIO

Se lágrimas tiverdes, preparai-vos neste momento para derramá-las. Conheceis este manto. Ainda me lembro quando César o estreou; era uma tarde de verão, em sua tenda, justamente no dia em que vencera os fortes nérvios. Vede o furo deixado pela adaga de Cássio; contemplai o estrago feito pelo invejoso Casca; através deste apunhalou-o o muito amado Bruto, e ao retirar seu aço amaldiçoado, observai com cuidado como o sangue de César o seguiu, como querendo vir para a porta, a fim de convencer-se se era Bruto, realmente, quem batia por modo tão grosseiro, porque Bruto, como o sabeis, era o anjo do finado. Julgai, ó deuses! quanto o amava César. De todos, foi o golpe mais ingrato, pois quando a Bruto viu o nobre César, a ingratidão mais forte do que o braço dos traidores, de todo o pôs por terra. O coração potente, então, partiu-se-lhe e, no manto escondendo o rosto, veio cair o grande César justamente ao pé da estátua de Pompeu, que sangue todo o tempo escorria. Que queda essa, caros concidadãos! Eu, vós, nós todos nesse instante caímos, alegrando-se sobre nós a traição rubra de sangue. Oh! Vejo que chorais, que sois sensíveis à impressão da piedade. Delicadas lágrimas derramais. Mas chorais tanto, bondosas almas, só de o manto verdes do nosso César, cheio, assim, de furos? Então olhai para isto, o próprio corpo de César, deformado por traidores.

PRIMEIRO CIDADÃO

Oh espetáculo lamentável!

SEGUNDO CIDADÃO

Oh nobre César!

TERCEIRO CIDADÃO

Oh dia de luto!

QUARTO CIDADÃO

Oh celerados! Oh traidores!

PRIMEIRO CIDADÃO

Que espetáculo sangrento!

SEGUNDO CIDADÃO

Queremos vingança!

CIDADÃOS

Vingança! Vamos procurá-los! Fogo! Morte! Fogo! Matemos os traidores!

ANTÔNIO

Parai, concidadãos!

PRIMEIRO CIDADÃO

Silêncio! Ouçamos o nobre Antônio.

SEGUNDO CIDADÃO

Queremos ouvi-lo; iremos para onde ele for; queremos morrer com ele!

ANTÔNIO

Bons e amáveis amigos, não desejo levar-vos a uma súbita revolta. Os autores deste ato são honrados. Ignoro as causas, ai! particulares que a este extremo os levaram; mas são sábios, todos eles, e honrados, e decerto vos dariam razões do que fizeram. Não vim aqui roubar-vos, meus amigos, o coração. Careço da eloquência de Bruto. Sou um homem franco e simples, como bem o sabeis, que tinha o mérito de amar o seu amigo, o que sabiam perfeitamente quantos permitiram que eu viesse falar dele. Pois é fato: não tenho espírito, valor, palavras, gesto, eloquência e a força da oratória para

inflamar o sangue dos ouvintes. Contento-me em falar tal como falo, simplesmente, dizendo-vos apenas o que todos sabeis, e ora vos mostro as feridas do nosso caro César — pobres bocas sem fala! — concitando-as a falarem por mim. Se eu fosse Bruto, sendo ele Antônio, agora aqui teríeis um Antônio capaz de levantar-vos o espírito e em cada uma das feridas de César uma voz pôr, que faria revoltarem-se as pedras da alta Roma.

CIDADÃOS

Revolta, sim! Revolta!

PRIMEIRO CIDADÃO

Queimaremos logo a casa de Bruto.

TERCEIRO CIDADÃO

Então partamos sem demora. Peguemos os traidores.

ANTÔNIO

Concidadãos, ouvi-me. Vou falar-vos.

CIDADÃOS

Que fale Antônio, o muito nobre Antônio!

ANTÔNIO

Sabeis, amigos, o que estais a ponto de realizar? Em que mereceu César ser a tal ponto amado de vós todos? Ah! não o sabeis. Preciso, então, contar-vos. E o testamento, já vos esquecesteis, de que falei há pouco?

CIDADÃOS

É certo! É certo! O testamento! Ouçamos a leitura do testamento!

ANTÔNIO

Aqui vo-lo apresento, com o selo ainda de César. César deixa para cada romano em separado setenta e cinco dracmas.

SEGUNDO CIDADÃO

Nobilíssimo César! Vamos vingar a morte dele!

TERCEIRO CIDADÃO

Oh real César!

ANTÔNIO

Ouvi-me com paciência.

CIDADÃOS

Olá! Silêncio!

ANTÔNIO

Além disso, deixou-vos seus passeios, caramanchões privados e os recentes jardins por ele feitos neste lado do Tibre. Sim, deixou-vos, para sempre, para vossos herdeiros, como pontos de diversão comum, porque pudésseis passear e distrair-vos. Foi um César, realmente! Outro igual, quando teremos?

PRIMEIRO CIDADÃO

Nunca! Nunca! Sigamos para a praça sagrada, a fim de o corpo ali queimarmos, e com os tições as casas incendiemos de todos os traidores. Carreguemos o corpo.

SEGUNDO CIDADÃO

Trazei fogo.

TERCEIRO CIDADÃO

Derrubemos os bancos.

QUARTO CIDADÃO

Derrubai logo janelas, cadeiras, o que for.

(Saem os cidadãos, com o corpo de César)

ANTÔNIO

Que vá por diante. Desgraça, estás de pé; toma ora o curso que bem te parecer. *(Entra um criado)* Então, amigo?

CRIADO

Senhor, Otávio já chegou a Roma.

ANTÔNIO

Onde está ele?

CRIADO

Em casa estão de César, ele e Lépido.

ANTÔNIO

Vou já já visitá-lo. Chega a tempo. A Fortuna está alegre e, assim disposta, não nos regateará coisa nenhuma.

CRIADO

Ouvi quando ele disse que teriam Bruto e Cássio, a galope, como loucos, ganho as portas de Roma.

ANTÔNIO

É que decerto souberam da disposição do povo agitado por mim. Leva-me a Otávio.

(Saem)

CENA III

O mesmo. Uma rua. Entra o poeta Cina.

CINA

Sonhei que César e eu nos banqueteávamos. A fantasia tenho assoberbada por ideias sinistras. Sem nenhuma vontade me acho de sair de casa; mas algo a isso me obriga.

(Entram cidadãos)

PRIMEIRO CIDADÃO

Como vos chamais?

SEGUNDO CIDADÃO

Para onde ides?

TERCEIRO CIDADÃO

Onde morais?

QUARTO CIDADÃO

Respondei diretamente a cada um de nós.

PRIMEIRO CIDADÃO

Sim, e em poucas palavras.

QUARTO CIDADÃO

E com sabedoria.

TERCEIRO CIDADÃO

E com franqueza, é o que vos aconselhamos.

CINA

Como me chamo? Para onde vou? Onde moro? Se sou casado ou solteiro? Então, para responder diretamente a cada um de vós, e em poucas palavras, com sabedoria e franqueza: sabiamente direi que sou solteiro.

SEGUNDO CIDADÃO

O que equivale a dizer que são loucos os que se casam. Receio que essa resposta vos possa custar caro.

CINA

Diretamente, vou aos funerais de César.

PRIMEIRO CIDADÃO

Como amigo ou como inimigo?

CINA

Como amigo.

SEGUNDO CIDADÃO

Isso foi diretamente respondido.

QUARTO CIDADÃO

E agora, brevemente, quanto à morada.

CINA

Moro perto do Capitólio.

TERCEIRO CIDADÃO

Vosso nome, senhor, francamente.

CINA

Francamente, meu nome é Cina.

SEGUNDO CIDADÃO

Despedaçai-o! É conspirador!

CINA

Eu sou o poeta Cina! Eu sou o poeta Cina!

QUARTO CIDADÃO

Despedaçai por causa de seus maus versos.

CINA

Não sou o conspirador Cina!

SEGUNDO CIDADÃO

Pouco importa; tem o nome de Cina. Tiremos-lhe do coração apenas o nome e deixemo-lo ir.

TERCEIRO CIDADÃO

Despedacemo-lo! Despedacemo-lo! Fogo! Tições! À casa de Bruto!
De Cássio! Queimemos tudo! Sigam alguns para a casa de Décio,
outros para a de Casca, outros para a de Ligário. Vamos! Vamos!

(Saem)

ATO IV

CENA I

Roma. Um quarto da casa de Antônio. Antônio, Otávio e Lépido, à volta de uma mesa.

ANTÔNIO

Estes também têm de morrer; os nomes estão assinalados.

OTÁVIO

E vós, Lépido, tendes o irmão marcado para a morte. Concordais?

LÉPIDO

Sim, concordo.

OTÁVIO

Assinalai-o, Antônio.

LÉPIDO

Mas com a condição expressa de que Públio não viva, Marco Antônio, filho de vossa irmã.

ANTÔNIO

Não viverá. Vede: com um risco apenas o despacho. Mas Lépido, ide até à casa de César buscar o testamento. Precisamos fazer nele alguns cortes onerosos.

LÉPIDO

E onde vos encontrar depois? Aqui?

ANTÔNIO

Aqui ou no Capitólio. (*Sai Lépido*) É um homem fútil e de nulo mérito. Só serve para dar recados. Justo vos parece que o mundo dividido, como vai ser, em três, fique ele sendo dono de uma das partes?

OTÁVIO

Fazeis dele esse juízo? No entanto lhe pedistes a opinião sobre o nome das pessoas condenadas à morte em nossa lista negra de proscricções.

ANTÔNIO

Já vi, Otávio, mais dias do que vós. Se sobre esse homem acumulamos honras, porque o peso nos poupemos de fardos infamantes, ele as carrega tal como ouro o burro, que geme e sua sob a carga ingente e é tocado ou levado pela estrada que bem nos aprouver. Levado todo nosso tesouro ao ponto que queríamos, dos fardos o aliviamos e o deixamos como burro sem carga, porque à solta as orelhas sacuda e se regale nas pastagens do Estado.

OTÁVIO

Procedei como quiserdes; mas é um bom soldado, valente e experimentado.

ANTÔNIO

Meu cavalo, Otávio, também o é; por essa causa lhe dou sua ração. É uma criatura que ensinei a brigar, virar depressa, correr para atacar, parar de chofre, e cujos movimentos são regidos pela minha vontade. Em muitas coisas Lépido é apenas isso. É necessário adestrá-lo, educá-lo, dirigi-lo; é um sujeito de espírito acanhado, que se alimenta só de rebotalhos, de imitações, apenas, fora de uso, já bastante surradas, que ele adota por moda. Só falai a seu respeito como de um instrumento manejável. E agora, Otávio, ouvi coisas grandiosas: Bruto e Cássio aliciam muita gente. Precisamos opor-lhes resistência o mais breve possível. Para tanto assentemos de vez nossas alianças, conquistemos amigos e ponhamos de pé todos os meios. Por enquanto, reunamo-nos, a fim de decidirmos como

contar certos assuntos graves e a maneira segura de podermos fazer face aos perigos mais urgentes.

OTÁVIO

Façamos isso, pois nos encontramos amarrados ao posto e por inimigos numerosos acuados, sem contarmos que muitos que ora riem, é o que temo, no coração escondem mil perfídias.

(Saem)

CENA II

Diante da tenda de Bruto, no acampamento perto de Sardes. Tambor. Entram Bruto, Lucílio, Lúcio e soldados. Titínio e Píndaro entram por outro lado.

BRUTO

Alto lá!

LUCÍLIO

Dizei a senha e fazei alto!

BRUTO

Novidades, Lucílio? Chegou Cássio?

LUCÍLIO

Está à mão, tendo Píndaro chegado com saudações da parte de seu amo.

(Píndaro entrega a Bruto uma carta)

BRUTO

São oportunos esses cumprimentos. Vosso amo, Píndaro, ou porque mudasse, ou por ter sido mal aconselhado, deu-me razões para querer que muitas coisas já feitas ainda se encontrassem por fazer. Mas se perto ele se encontra, vai explicar-me tudo.

PÍNDARO

Não duvido que meu muito nobre amor há de mostrar-se tal como sempre foi: honrado e digno.

BRUTO

Ninguém põe isso em dúvida. Lucílio, uma palavra, ainda: saber quero como fostes por ele recebido.

LUCÍLIO

Com cortesia e mostras de respeito, mas sem aquela familiaridade e aquele modo cordial e franco que conosco ele sempre revelara.

BRUTO

Descreveste um amigo acalorado que arrefeceu de todo. Toma nota, Lucílio: sempre que a amizade adoece, para acabar sumindo, é inevitável: lança mão dessas fórmulas forçadas. Não se coadunam esses artifícios com a boa fé singela. Mas os homens pouco sinceros, são como ginetes difíceis de conter, que nos dão mostras de seu ardor, fazendo muitas voltas. Mas se as esporas rubras lhes chegamos, deixam cair a crina e, tal como éguas de aparência ilusória, a prova perdem. Os homens dele vêm?

LUCÍLIO

Esta noite pensam dormir em Sardes. É de Cássio o comando de quase todo o exército e da cavalaria.

(Ouve-se música de marcha)

BRUTO

Ei-lo que chega. Saiamos a encontrá-lo com doçura.

(Entra Cássio com soldados)

CÁSSIO

Alto lá! Oh!

BRUTO

Alto lá! Transmiti ordens às filas!

PRIMEIRO SOLDADO

Alto!

SEGUNDO SOLDADO

Alto!

TERCEIRO SOLDADO

Alto!

CÁSSIO

Meu nobre irmão, foste comigo injusto.

BRUTO

Julgai-me, ó deuses! Se aos meus inimigos nunca jamais fiz injustiça alguma, como admitir que tenha sido injusto para o meu próprio irmão?

CÁSSIO

A sobriedade, Bruto, que vos é própria, encobre ofensas; e quando as praticais...

BRUTO

Cássio, acalmi-vos; expõe com bravura vossas queixas. Conheço-vos de perto. Não brigemos ante o conspecto, assim, de nossas forças, que em nós só devem perceber concórdia. Mandai que fiquem longe, e em minha tenda, Cássio, far-me-eis explanação de tudo, que vos darei ouvidos.

CÁSSIO

Dize, Píndaro, aos nossos comandantes que removam daqui de perto as tropas.

BRUTO

Lucílio, faze o mesmo; não consintas que alguém de nossa tenda se aproxime antes de terminarmos a conversa. Lúcio e Titínio ficarão de guarda.

(Saem)

CENA III

Na tenda de Bruto. Entram Bruto e Cássio.

CÁSSIO

Consiste a ofensa em terdes infligido pena infamante em Lúcio Pela, em vista de ter sido peitado pelos sardos, sem levardes em conta minhas cartas a seu favor, porque eu conheço o homem.

BRUTO

A vós mesmo ofendestes, escrevendo-me a favor dele.

CÁSSIO

Em semelhante tempo não convém esmiuçar pequenas faltas.

BRUTO

Permiti que vos fale com franqueza, Cássio, mas vos acusam de prurido nas mãos, de traficardes os empregos e de vendê-los a sujeitos baixos.

CÁSSIO

Eu, prurido nas mãos? Sabeis que é Bruto quem fala desse modo; não fora isso, seria esse o vosso último discurso.

BRUTO

A corrupção se sente enobrecida pelo nome de Cássio; eis o motivo de esconder o castigo ora a cabeça.

CÁSSIO

Ó castigo!

BRUTO

Recordai-vos de março! Recordai-vos dos idos desse dia! O grande Júlio não sangrou com justiça? Que malvado pôs nele as mãos e o apunhalou, se a causa justa não defendia? Como! Dá-se que tenhamos matado o mais notável homem do mundo, só por haver ele protegido ladrões, e que ora os dedos tenhamos de sujar com vis presentes e de trocar o círculo imponente de nossa dignidade por uns poucos tarecos que na mão fechar podemos? Prefiro ser cachorro e uivar à lua, a ser romano de tão baixa marca.

CÁSSIO

Bruto, não me irriteis, que o não suporto. Esqueceis de quem sois, para tomardes comigo essa atitude. Sou soldado mais experimentado e, assim, mais apto do que vós para impor tais e tais cláusulas.

BRUTO

Qual! Não sois nada disso, Cássio.

CÁSSIO

Sou.

BRUTO

Afirmo que o não sois.

CÁSSIO

Não me irriteis, que perco o autodomínio. Pensai na própria vida, desistindo de me irritar.

BRUTO

Retira-te, homem fraco!

CÁSSIO

Como! Será possível?

BRUTO

Escutai-me, pois desejo falar. Terei de o passo ceder a vossa cólera? Assustar-me, quando um louco me fixa?

CÁSSIO

Oh deuses! deuses! Ver-me forçado a suportar tudo isso!

BRUTO

Tudo isso? Mais, ainda. Amofinai-vos até romper-se o coração altivo. Aos escravos mostrai toda essa cólera; vossos servos deixai cheios de medo. Precisurei curvar-me? Estar atento ao menor gesto vosso? Conservar-me de pé, ou rastejar, de acordo sempre com vossa rabugice? Pelos deuses, tereis de digerir todo o veneno de vossa bile, ainda que com isso venhais a arrebentar. Sim, de hoje em diante vou divertir-me a vossa custa, rir-me quando vos vir raivoso.

CÁSSIO

A isto chegamos?

BRUTO

Afirmastes que sois melhor soldado. Pois demonstrai-o, apresentando a prova de que tem fundamento essa jactância, que folgarei com isso. Gosto sempre de aprender algo com pessoas nobres.

CÁSSIO

De todo jeito me ofendestes, Bruto; de todo jeito. Disse mais antigo soldado, não melhor. Disse, realmente, “melhor?”

BRUTO

Pouco me importa o que dissestes.

CÁSSIO

César jamais teria tido o ousio de irritar-me a esse ponto.

BRUTO

Calma! Calma! Vós é que, César vivo, não teríeis coragem de a tal ponto provocá-lo.

CÁSSIO

Não teria coragem?

BRUTO

Não.

CÁSSIO

Como! Não ousaria provocá-lo?

BRUTO

Não o ousaríeis, por amor à vida.

CÁSSIO

Não confieis por demais em meu afeto, que eu posso fazer algo de que venha depois a arrepender-me.

BRUTO

Já fizestes alguma coisa de que deveríeis estar arrependido. Não contêm, Cássio, terror algum vossas ameaças. De tal modo me ampara a honestidade, que por mim passam como o vento ocioso, de que nem me apercebo. Recusastes-me certa quantia, que mandei privar-vos. Não sei fazer dinheiro por processos pouco recomendáveis. Preferira cunhar o coração, e todo o sangue, gota por gota, transformar em dracmas, a arrancar das calosas mãos dos rústicos, por processos esconsos, suas tristes farandolagens. Para o pagamento de minhas legiões se destinava quanto então vos pedi e mo negastes. Era de Cássio tal procedimento? Teria eu respondido a Caio Cássio por semelhante modo? Quando Marco Bruto ficar interesseiro, a ponto de esconder dos amigos vis moedas, deixai em forma, ó deuses, vossos raios, e reduzi-o a nada!

CÁSSIO

Essa quantia, não vo-la recusei.

BRUTO

Sim, recusaste-la.

CÁSSIO

Afirmo-vos que não. Minha resposta vos foi levada por um mentecapto. O coração me partiu Bruto ao meio. O amigo sabe desculpar as faltas de seus amigos; mas as minhas, Bruto deixa maiores do que são, realmente.

BRUTO

Só o fiz depois de lhes sentir o efeito.

CÁSSIO

Afeição não me tendes.

BRUTO

Não me agradam vossos defeitos.

CÁSSIO

Nunca o olhar amigo deveria enxergá-los.

BRUTO

Não os vira o olhar do adulator, embora fossem tão grandes quanto o Olimpo.

CÁSSIO

Vinde, Antônio! Jovem Otávio, vinde, para em Cássio sozinho, vos vingardes, que ele se acha enfarado do mundo, estando odiado por quem tanto e tanto ama, provocado pelo seu próprio irmão, tratado como qualquer escravo. Suas faltas todas são escritas de cor, para me serem atiradas aos dentes. Oh! Quisera pelos olhos chorar o próprio espírito! Eis meu punhal; o peito nu vos mostro, no qual se encontra um coração mais caro do que a mina de Pluto, mais valioso do que o próprio ouro. Sendo tu romano, arranca-mo do peito. Recusei-te ouro, mas dou-te o coração em troca. Fere-o como o fizeste no de César, porque estou certo de que no auge do ódio lhe tinhas mais amor do que puderas em qualquer tempo dedicar a Cássio.

BRUTO

Guardai esse punhal; ficai colérico quanto vos aprouver; sois livre nisso. Fazei o que entenderdes; a desonra será divertimento. Ó Cássio! O jugo recebestes ao lado de um cordeiro no qual se contém cólera tal como fogo na pederneira, que, batida muitas vezes, revela passageira faísca e, logo, torna a ficar fria.

CÁSSIO

Terá vivido Cássio apenas para ser objeto de escárnio e de risada de seu querido Bruto, quando a mágoa e os humores revoltos o deixavam perturbado de todo?

BRUTO

Ao dizer isso, também tinha os humores revoltados.

CÁSSIO

Concedeis-me esse ponto? Dai-me a mão.

BRUTO

E o coração também.

CÁSSIO

Oh Bruto!

BRUTO

Que houve?

CÁSSIO

Não me tendes amor bastante, para desculpar-me nas horas em que o gênio violento que de minha mãe me veio me faz ficar ingrato?

BRUTO

Tenho, Cássio. E de ora avante, sempre que com vosso Bruto vos excederdes, há de Bruto pensar que é vossa mãe quem deblatera, e em paz vos deixará.

(Barulho no interior)

O POETA (*dentro*)

Deixai-me entrar! Preciso ver os generais! Entre eles há desacordo. É mal ficarem sós.

LUCÍLIO (*dentro*)

É proibida a entrada.

O POETA (*dentro*)

A morte, apenas, me poderá deter.

(Entra o poeta, seguido de Lucílio, Titínio e Lúcio)

O POETA

Vergonha, generais! Que estais pensando? Sede amigos; um do outro ficai perto. Mais anos do que vós já vi, decerto.

CÁSSIO

Ah! Ah! Que rimas péssimas as deste cínico!

BRUTO

Fora, logo, vagabundo! Fora, tipo lascivo!

CÁSSIO

Suportai-o, Bruto, que ele é assim mesmo.

BRUTO

Suportá-lo? Quando ele conhecer o seu lugar. Qual é a utilidade, numa guerra, desses versistas tolos? Fora, bobo!

CÁSSIO

Sai logo! Depressa! Retirai-vos!

(Sai o poeta)

BRUTO

Vós, Lucílio e Titínio, aos comandantes dissei que tratem de alojar as tropas, para a noite passarem.

CÁSSIO

Depois disso, voltai em companhia de Messala, o mais presto possível.

(Saem Lucílio e Titínio)

BRUTO

Uma copa de vinho, Lúcio.

(Sai Lúcio)

CÁSSIO

Nunca imaginara que pudésseis estar tão irritado.

BRUTO

Ó Cássio! Sofro, a um tempo, tantas dores!

CÁSSIO

Uso algum não fareis dos sãos princípios que vos são caros, se atenção prestardes aos males transitórios.

BRUTO

Nenhum homem suporta a dor como eu. Pórcia está morta.

CÁSSIO

Como! Pórcia?

BRUTO

Morreu.

CÁSSIO

Como escapei com vida, contrariando-vos? Oh perda comovente e insuportável! De que morreu?

BRUTO

Da dor de minha ausência e de pesar por terem aumentado tanto as forças de Otávio e Marco Antônio. Recebi a notícia desse fato ao mesmo tempo que a de sua morte. Desvairada ficou e, aproveitando-se de a terem só deixado alguns momentos, engoliu fogo.

CÁSSIO

E assim morreu?

BRUTO

Morreu.

CÁSSIO

Oh deuses imortais!

(Volta Lúcio, com vinho e tochas)

BRUTO

Não falemos mais dela. Agora dai-me uma copa de vinho. Nisto, Cássio, sepulto todo sentimento baixo. *(Bebe)*

CÁSSIO

O coração sedento se me mostra de tão nobre penhor. Enche-me a taça, Lúcio, até transbordar. Em se tratando da amizade de Bruto, nunca muito quanto eu venha a beber. *(Bebe)*

BRUTO

Entrai, Titínio. *(Volta Titínio com Messala)* Bem-vindo, bom Messala. Ora assentemo-nos ao pé aqui da tocha e conversemos sobre as necessidades do momento.

CÁSSIO

Ó Pórcia, já morreste!

BRUTO

Não falemos mais nisso, por obséquio. Bom Messala, nestas cartas informam-me que Otávio e Marco Antônio vêm ao nosso encontro com forças poderosas, e que para Filipos ora a expedição dirigem.

MESSALA

Recebi cartas de teor idêntico.

BRUTO

Sem mais nenhum acréscimo?

MESSALA

Fora da lei por editais os pondo, Otávio, Antônio e Lépido fizeram perecer cem senadores.

BRUTO

Nesse ponto divergem nossas cartas. As minhas falam de setenta mortos por essas proscricções; Cícero, um deles.

CÁSSIO

Cícero, um deles!

MESSALA

Cícero está morto por proscricção, também. Essas notícias vos vieram, meu senhor, de vossa esposa?

BRUTO

Não, Messala.

MESSALA

E a seu respeito, nada vos informam?

BRUTO

Nada, Messala.

MESSALA

É extraordinário o caso.

BRUTO

For que perguntais isso? Dizem algo a seu respeito as vossas?

MESSALA

Não, senhor.

BRUTO

Se sois romano, revelai-me tudo.

MESSALA

Como romano, então, ouvi a verdade: morreu, é certo, e por maneira estranha.

BRUTO

Nesse caso, adeus, Pórcia! Morreremos todos, Messala, é certo. O pensamento de que ela um dia ou outro deveria também morrer, me dá coragem para suportar esse golpe.

MESSALA

É assim que os grandes homens devem sofrer as grandes dores.

CÁSSIO

Adoto como vós certos princípios; mas nesse ponto a minha natureza se confessa impotente.

BRUTO

E agora, vivos, voltemos ao trabalho. Que diríeis de marcharmos já já para Filipos?

CÁSSIO

Não me parece bem.

BRUTO

Vossas razões?

CÁSSIO

É melhor que o inimigo nos procure; esgotará os recursos, os soldados se cansarão em prejuízo próprio, enquanto nós, ficando aqui parados, estamos descansados, protegidos e prontos para o embate.

BRUTO

As razões boas devem ceder lugar para as melhores. De Filipos aqui os moradores só à força se nos mostram dedicados, pois as contribuições têm sido dadas com muito má vontade. Se o inimigo fizer esse percurso, os efetivos reforçará, decerto, aqui chegando com tropas repousadas e acrescidas e de ânimo elevado. Essas vantagens ficarão anuladas, se em Filipos formos fazer-lhe face, atrás deixando todos os moradores desta zona.

CÁSSIO

Bondoso irmão, ouvi-me.

BRUTO

Com licença. Deveis, ainda, observar que já pusemos os amigos a provas excessivas; nossos quadros estão mais do que cheios; nossa causa, madura. Dia a dia, reforça-se o inimigo; nós, no ápice, já atingimos o ponto de descida. Os negócios humanos apresentam altas como as do mar: aproveitadas, levam-nos as correntes à fortuna; mas, uma vez perdidas, corre a viagem da vida entre baixios e perigos. Ora flutuamos na maré mais alta. Urge, portanto, aproveitar o curso da corrente, ou perder nossas vantagens.

CÁSSIO

Bem; uma vez que assim quereis, sigamos para Filipos, que também iremos encontrar o inimigo nesse ponto.

BRUTO

O negrume da noite baixou sobre nossa conversação, sendo preciso que a natureza acate as ordens dadas pela necessidade. Concedamos-lhe como sovinas, pois, o modesto óbolo de um pequeno descanso. Já tratamos de todos os assuntos?

CÁSSIO

Já. Boa noite. Levantaremos amanhã bem cedo, e logo partiremos.

BRUTO

Lúcio! (*Volta Lúcio*) A toga. Passai bem, bom Messala. Boa noite. Titínio. Boa noite e bom repouso, meu nobre, nobre Cássio.

CÁSSIO

Ó, caro irmão! Quão triste foi o início desta noite! Que jamais a discórdia nos divida, de novo, o coração. Nunca mais, Bruto.

BRUTO

Tudo passou.

CÁSSIO

Boa noite, caro amigo.

BRUTO

Boa noite, mano.

TITÍNIO e MESSALA

General, boa noite.

BRUTO

Boa noite para todos. (*Saem Cássio, Titínio e Messala. Volta Lúcio, com a toga*) Dá-me a toga. E o instrumento, onde está!

LÚCIO

Aqui na tenda.

BRUTO

Falas com tanto sono? Pobre criança, não te culpo; não tens dormido nada. Vai chamar Cláudio e mais alguns serventes; dormirão aqui dentro em travesseiros.

LÚCIO

Varro! Cláudio!

(Entram Varro e Cláudio)

VARRO

Chamaste-nos, senhor?

BRUTO

For obséquio, dormi dentro da tenda. Pode dar-se que eu vos acorde, para mandar algum recado ao mano Cássio.

VARRO

Se for do vosso agrado, não dormimos.

BRUTO

Não; assim, não. Deitai-vos, bons amigos. Talvez mude de ideia. Olha aqui, Lúcio, o livro que eu pensava ter perdido. No bolso o achei da toga.

(Varro e Cláudio deitam-se)

LÚCIO

Eu bem sabia que Vossa Senhoria não mo dera.

BRUTO

Sê paciente comigo, bom menino; estou muito esquecido. Ser-te-á fácil manter abertas mais alguns instantes as pálpebras pesadas e uma ou duas modulações tirar desse instrumento?

LÚCIO

Sim, meu senhor; se for do vosso agrado.

BRUTO

Perfeitamente, meu menino; faço-te cansar demais; mas sempre foste dócil.

LÚCIO

É meu dever, senhor.

BRUTO

Mas fora justo que eu não te forçasse no cumprimento dele. O sangue moço, sei-o perfeitamente, quer repouso.

LÚCIO

Já passei pelo sono, meu senhor.

BRUTO

Fizeste bem; e vais dormir de novo. Será por pouco. Caso eu fique vivo, será bom para ti. (*Música e canto*) A toada é de pessoa sonolenta. Ó sono criminoso! A plúmbea clava deixas cair em cima de meu pajem, quando ele toca música? Boa noite, gentil menino. Não serei grosseiro, fazendo-te acordar. Se cabeceares, quebrarás o instrumento. Vou tirá-lo. E agora, meu menino, bom repouso. E ora vejamos: não tereis deixado virada a folha onde parei de ler? Parece que é esta mesma. (*Entra o fantasma de César*) Que luz péssima a desta vela! Oh! Quem vem lá! Decerto é a fraqueza da vista que me mostra tão feia aparição. Vem do meu lado! És qualquer coisa? Alguma divindade, algum anjo, talvez, qualquer demônio, que o sangue, assim, me gela, e me arrepia, de tal modo, os cabelos? Quem és? Fala!

FANTASMA

Teu espírito mau, Bruto.

BRUTO

Ao que vens?

FANTASMA

Dizer-te que em Filipos nos veremos.

BRUTO

Muito bem. Quer dizer que ainda hei de ver-te?

FANTASMA

Sim, em Filipos.

BRUTO

Pois que seja! Em Filipos nos veremos. (*Desaparece o fantasma*) Agora que eu estava encorajado, foi que desapareceste. Mau espírito, quisera ainda falar contigo um pouco. Pequeno! Lúcio! Varro! Cláudio! Cláudio! Senhores, despertai!

LÚCIO

Senhor, as cordas não estão boas.

BRUTO

Pensa que ainda se acha a tocar o instrumento. Lúcio, acorda!

LÚCIO

Senhor?

BRUTO

Sonhaste, Lúcio para assim gritares?

LÚCIO

Se gritei, meu senhor, não sei.

BRUTO

Gritaste. Não viste nada?

LÚCIO

Nada, meu senhor.

BRUTO

Então dorme de novo, Lúcio. Cláudio! Companheiro! Desperta!

VARRO

Senhor?

CLÁUDIO

Senhor?

BRUTO

Por que gritais no sono desse modo?

VARRO e CLÁUDIO

Nós gritamos, senhor?

BRUTO

Gritastes. Vistes, acaso, alguma coisa?

VARRO

Não vi nada, senhor.

CLÁUDIO

Nem eu, senhor.

BRUTO

Recomendai-me, então, ao mano Cássio e lhe dizei que parta com seus homens logo que amanhecer, que hei de segui-lo.

VARRO e CLÁUDIO

Pois não, senhor; dar-lhe-emos o recado.

(Saem)

ATO V

CENA I

Planície de Filipos. Entram Otávio e Antônio, com suas tropas.

OTÁVIO

Agora, Antônio, nossas esperanças ficaram confirmadas. Afirmastes que as forças inimigas não viriam para a planície, preferindo os montes. Mas o contrário é o que se verifica. Estão à mão. Aqui

mesmo em Filipos pretendem desafiar-nos, respondendo-nos antes mesmo de havermos perguntado.

ANTÔNIO

Ora devasso-lhes o peito, estando perfeitamente a par do que pretendem. Teriam preferido estar algures, mas descem com bravura temerosa, imaginando que ante essa manobra nos dão prova de insólita coragem. Mas não é isso.

(Entra um mensageiro)

MENSAGEIRO

Generais, a postos! Com bastante ordem o inimigo baixa, o estandarte sangrento solto aos ventos. Algo terá de acontecer em pouco.

ANTÔNIO

Estendei devagar, Otávio, os vossos homens no lado esquerdo da planície.

OTÁVIO

À esquerda fica tu; eu, do outro lado.

ANTÔNIO

Por que me contrariais nesta premência?

OTÁVIO

Não contrario; apenas farei isso.

(Toque de marcha. Tambores. Entram Bruto, Cássio e suas tropas; Lucílio, Titínio, Messala e outros)

BRUTO

Querem parlamentar; estão parados.

CÁSSIO

Para, Titínio; vamos para a frente, a fim de conversá-los.

OTÁVIO

Marco Antônio, convém dar o sinal para o combate?

ANTÔNIO

Não, César; esperemos que comecem. Adiante! Os generais querem falar-nos.

OTÁVIO

Aguardai o sinal.

BRUTO

Palavras, antes; depois, golpe; certo, concidadãos?

OTÁVIO

Não é por antepormos, como o fazeis, aos golpes as palavras. Boas palavras valem mais, Otávio, do que maus golpes.

ANTÔNIO

Mas vossos maus golpes, Bruto, andam sempre com palavras boas, do que é prova cabal o furo feito no coração de César, ao dizerdes: "Salve, César! Que tenhas vida longa!"

CÁSSIO

Antônio, ainda ninguém sabe o alcance de vossos golpes; mas vossas palavras as abelhas degradam do próprio Híbla, sem mel deixando-as.

ANTÔNIO

Mas o aguilhão fica.

BRUTO

Oh, não! Ficam sem ele e ficam mudas, que também lhes roubastes o zumbido, motivo de ameaçardes sabiamente, quando quereis picar.

ANTÔNIO

Não procedestes, miseráveis, assim, quando as adagas vis nos flancos de César enterrastes. Como monos, os dentes, só, mostráveis; como cães, rastejáveis servilmente, e, como escravos, vos curváveis todos, beijando os pés de César, no momento em que o maldito Casca, como débil cãozinho, por detrás atingiu César, em plena nuca. Aduladores todos!

CÁSSIO

Aduladores! Bruto, a vós, apenas, deveis agradecer esse elogio. Não nos ofenderia hoje essa língua, se a voz de Cássio houvesse sido ouvida.

OTÁVIO

Entremos no que importa. Se é verdade que suamos só de argumentar, a prova nos fará derramar vermelhas gotas. Vede: Contra conspiradores tiro a espada. Quando julgais que torne a embainhá-la? Nunca antes de ficarem bem vingadas as vinte e três feridas do alto César, ou enquanto não tiver um novo César acrescentado mais um morticínio à espada dos traidores.

BRUTO

Nunca, Otávio, te matarão traidores, se ao teu lado jamais os consentires.

OTÁVIO

É o que espero; não nasci para vítima de espada de Bruto.

BRUTO

Caso fosses o mais nobre de tua geração, mancebo, nunca poderias achar tão digna morte.

CÁSSIO

Não merece tanta honra um colegial petulante, que tem por companheiro um farsista e um estroina.

ANTÔNIO

O velho Cássio sempre a falar!

OTÁVIO

Antônio, retiremo-nos. Traidores, atiramos-vos aos dentes o desafio. Se hoje, ainda, tiverdes coragem de lutar, ao campo vinde; se não, quando julgardes conveniente.

(Saem Otávio e Antônio, com seu exército)

CÁSSIO

Agora, soprai, ventos! Levantai-vos, ondas, e nade o barco! A tempestade se acha desencadeada. Impera o acaso.

BRUTO

Olá! Lucílio, uma palavra.

LUCÍLIO

Meu senhor?

(Bruto e Lucílio falam à parte)

CÁSSIO

Messala!

MESSALA

O general chamou-me?

CÁSSIO

Bom Messala, hoje é o meu natalício; justamente no dia de hoje Cássio veio ao mundo. Messala, dá-me a mão. És testemunha de que é forçado, como o foi Pompeu, que arrisco numa só batalha todas as nossas liberdades. De Epicuro, bem o sabeis, sou fervoroso adepto e de sua doutrina. Mas agora mudei de parecer e em parte creio que pode haver presságios. Quando vínhamos de Sardes, duas águias vieram pôr-se no estandarte da frente. Colocadas aí, avidamente recebiam alimento das mãos dos nossos homens. Assim vieram conosco até Filipos. Mas hoje cedo levantaram voo e desapareceram, sobrevoando-nos as cabeças, não águias, porém corvos, gaviões e

gralhas, que nos olham do alto, como se presas fôssemos inermes. Sua sombra parece-se com um pálio de mau agouro, sob o qual o exército se ache no ponto de exalar o espírito.

MESSALA

Não deis crédito a isso.

CÁSSIO

Em parte, apenas, terei de dar, pois sou de ânimo forte e me acho decidido a enfrentar todos os perigos com a máxima constância.

BRUTO

Isso mesmo, Lucílio.

CÁSSIO

Agora, muito nobre Bruto, propícios hoje os deuses todos nos sejam, para que possamos, como amigos, em paz, guiar os dias, até ficarmos velhos. Mas não sendo segura nunca a sorte dos humanos, raciocinemos sobre o que nos possa de pior acontecer. Se acaso viermos a perder a batalha, não teremos nenhuma outra ocasião de nos falarmos. Como pensais agir nessa emergência?

BRUTO

De acordo com os princípios da doutrina que me levou a censurar Catão por se ter suicidado. Não consigo compreender a razão, mas considero covarde e vil, apenas pelo medo do que ainda possa vir a acontecer-nos, encurtarmos o prazo da existência. De paciência saberei armar-me, para esperar alguma providência do poder que lá do alto nos governa.

CÁSSIO

Sendo assim, se perdermos a batalha, ficareis satisfeito quando em triunfo pelas ruas de Roma vos levarem?

BRUTO

Não, Cássio; não. Não penses, como nobre romano que és, que Bruto possa, um dia ser levado em correntes para Roma. É de espírito

altivo. Mas o dia de hoje irá dar remate ao que nos idos de março começou. Ignoro se ainda viremos a encontrar-nos. Despeçamo-nos, por isso, para sempre. Se de novo nos virmos, sorriremos. Sendo o oposto, fizemos bem de assim nos despedirmos.

CÁSSIO

Bruto, adeus para sempre; para sempre. Realmente, se nos virmos, sorriremos. Sendo o oposto, foi bom nos despedirmos.

BRUTO

Muito bem. Avançai. Oh, se soubéssemos o fim desta jornada antes do início! Mas basta que este dia chegue ao término, que o fim já saberemos. Vamos! Vamos!

(Saem)

CENA II

O mesmo. O campo de batalha. Alarma. Entram Bruto e Messala.

BRUTO

Corre, Messala, corre e entrega a nota às legiões do outro lado. *(Maior alarma)* Devem todas avançar de uma vez, pois noto na ala de Otávio alguns indícios de tibieza. Uma arrancada súbita os dispersa. Corre, Messala; corre! Venham todos!

(Saem)

CENA III

Outra parte do campo de batalha. Alarma. Entram Cássio e Titínio

CÁSSIO

Olha, Titínio, aqueles miseráveis estão fugindo. Eu próprio transformei-me em inimigo dos nossos. Este lábaro tinha virado costas; dei a morte ao poltrão que o levava e o tomei dele.

TITÍNIO

Ó Cássio, Bruto deu o sinal cedo. Tendo alguma vantagem sobre Otávio, precipitou-se muito na ofensiva. Seus soldados entregam-se à pilhagem, enquanto Antônio, aqui, nos traz cercados.

(Entra Píndaro)

PÍNDARO

Senhor, fugi, fugi para mais longe! Marco Antônio se encontra em vossas tendas. Nobre Cássio, fugi para mais longe!

CÁSSIO

Desta colina enxerga-se mui longe. Olha Titínio, escuta: aquelas tendas em que percebo fogo são as minhas?

TITÍNIO

Perfeitamente, meu senhor.

CÁSSIO

Titínio, se me amas, monta em meu cavalo, calca-lhe as esporas, até que àquelas tropas te leve e aqui te traga de retorno, pois saber quero com certeza se elas são amigas, ou não.

TITÍNIO

Com a rapidez do pensamento, aqui estarei de novo. *(Sai)*

CÁSSIO

Vai, Píndaro, coloca-te no ponto mais alto da colina. Minha vista sempre foi fraca. Observa bem Titínio e dize-me o que vês por todo o campo. *(Píndaro sobe a colina)* No dia de hoje vim ao mundo; o tempo já deu a volta. Tenho de finir-me no ponto da partida. Minha vida completou o circuito. Olá! Que é que há!

PÍNDARO *(de cima)*

Oh, meu senhor!

CÁSSIO

Que novidades há!

PÍNDARO

Titínio está cercado por guerreiros de cavalo, que à espora fita o seguem. Mas das suas também ele faz uso. Estão quase sobre ele... Isso, Titínio! Alguns apearam... Ele também desce... Foi feito prisioneiro. (*Ouvem-se aclamações*) Estão contentes.

CÁSSIO

Vem para cá; já chega o que observaste. Oh, como sou covarde! Viver tanto, para ver preso meu melhor amigo, perto dos próprios olhos! Aproxima-te, rapaz. Foi na guerra contra os partos que te fiz prisioneiro. Mas deixando-te com vida, então, juraste-me que havias de cumprir tudo quanto eu te ordenasse, fosse o que fosse. Vem; cumpre a palavra. Livre és daqui por diante, e, fazendo uso desta excelente espada que nas vísceras de César penetrou, fere este peito. Não repliques; segura aqui no punho, e quando vires que eu cobri o rosto, tal como o faço agora, empurra a espada. César, foste vingado, justamente com a mesma espada que te deu a morte. (*Morre*)

PÍNDARO

Desse modo ganhei a liberdade; mas livre não seria, se eu tivesse podido agir por mim. Oh Cássio! Píndaro fugirá para longe desta terra, onde romano algum possa notá-lo. (*Sai*)

(*Voltam Titínio e Messala*)

MESSALA

Uma coisa por outra, simplesmente. Otávio foi vencido pelas forças do nobre Bruto, assim como o foi Cássio pelas legiões de Antônio.

TITÍNIO

Essas notícias reconfortarão Cássio.

MESSALA

Onde o deixastes?

TITÍNIO

Nesta colina, de ânimo abatido. Píndaro, seu escravo, o acompanhava.

MESSALA

Não será ele que está ali no solo?

TITÍNIO

Parece não ter vida. Oh, coração!

MESSALA

Não é ele?

TITÍNIO

Era ele, sim, Messala; Cássio já não existe. Ó sol da tarde! Do mesmo modo que com raios rubros some na noite, o dia, assim, de Cássio mergulha no seu sangue purpurino. Entrou o sol de Roma. Nosso dia já se foi. Nuvens, brumas e perigos terão de vir. Nossa obra está completa. Este ato decorreu da desconfiança de que eu pudesse ser bem sucedido.

MESSALA

De que ainda haver pudesse bom sucesso. Ó erro odioso, filho da tristeza! Por que mostrais ao vivo pensamento dos homens o que é falso? Muito cedo concebido, careces sempre e sempre de um feliz nascimento, pois a morte da própria mãe engendras.

TITÍNIO

Olá! Píndaro! Píndaro, onde te encontras?

MESSALA

Vai em busca dele, Titínio, enquanto eu vou à procura do nobre Bruto, para que os ouvidos lhe fira ante a notícia desta morte. Sim, digo bem: ferir pois o aço agudo e a seta envenenada não seriam aos ouvidos de Bruto menos gratos do que a notícia do que estamos vendo.

TITÍNIO

Apressa-te, Messala, que entrementes vou ver se encontro Píndaro. *(Sai Messala)* Meu bravo Cássio, por que mandaste que me fosse? Amigos teus não eram todos quantos ao encontro me saíram? Sobre a frente não me puseram eles esta bela coroa da vitória, desejando que a ti transmitisse? Não ouviste suas exclamações? Ah, nobre amigo! Interpretaste mal todas as coisas. Mas recebe na frente esta coroa; teu Bruto me ordenou que ta entregasse. Executo suas ordens. Vem depressa, Bruto, certificar-te da maneira por que honrei Cássio. Desculpai-me, deuses; é hábito dos romanos: vamos, gládio de Cássio, encontra o peito de Titínio. *(Mata-se)*

(Alarma. Volta Messala, com Bruto, o moço Catão, Estrato, Volúmnio e Lucílio)

BRUTO

Messala, onde ficou caído o corpo?

MESSALA

Ali; Titínio chora ao lado dele.

BRUTO

Está de rosto para cima.

CATÃO

Morto.

BRUTO

Júlio César, ainda és poderoso! Teu espírito vaga pela terra e faz virar nossas espadas contra nossas próprias entranhas.

(Alarma ao longe)

CATÃO

Valoroso Titínio! Não foi ele que a coroa pôs no defunto Cássio?

BRUTO

Existirão dois romanos como estes? Derradeiro dos romanos, adeus! Não é possível que de futuro Roma gerar possa alguém igual a ti. Devo mais lágrimas, amigos, a este corpo, do que possa vir a pagar. Mas pouco importa, Cássio; para isso hei de achar tempo, hei de achar tempo. Vamos; enviemos para Tasso o corpo. Não deverão ser feitas as obséquias em nosso acampamento; poderiam deixar-nos abatidos. Vem, Lucílio; jovem Catão, partamos para o campo de batalha; Labéu e Flávio devem guiar nossas legiões. Já são três horas. Tentaremos de novo nossa sorte, antes que a noite baixe. Vida ou morte!

(Saem)

CENA IV

Outra parte do campo de batalha. Alarma. Entram, a lutar, soldados dos dois lados; depois, Bruto, o moço Catão, Lucílio e outros.

BRUTO

Assim, concidadãos! Coragem! Vamos!

CATÃO

Quem não terá coragem? Só bastardos poderiam falhar-nos. Quem me segue? Por todo o campo de batalha mando proclamar o meu nome. Ouvi-me! Filho sou de Marco Catão, inimigo acérrimo dos tiranos, amigo dos romanos. Sou o filho de Catão!

BRUTO

E eu, Marco Bruto! Marco Bruto! Escutai-me! Bruto! Amigo de minha pátria. Como a Bruto, ouvi-me!

(Enquanto Bruto sai perseguindo o inimigo, Catão é sobrepujado e cai)

LUCÍLIO

Ó Catão, nobre e jovem! Já caíste? Morres como Titínio: bravamente. Qual filho de Catão, serás honrado.

PRIMEIRO SOLDADO

Rende-te, se não, morres.

LUCÍLIO

Só me rendo para morrer. (*Oferecendo-lhe dinheiro*) Toma isto; é o suficiente para morte me dares imediata. Mata Bruto e, com isso, fica honrado.

PRIMEIRO SOLDADO

Não devemos fazê-lo; é presa nobre.

SEGUNDO SOLDADO

Abri caminho! Ide dizer a Antônio que Bruto caiu preso.

PRIMEIRO SOLDADO

Vou levar-lhe a notícia. Mas eis o general. (*Entra Antônio*) Senhor, prendemos Bruto.

ANTÔNIO

Onde está ele?

LUCÍLIO

Em segurança, Antônio; Bruto se acha salvo em lugar seguro. Uma só coisa vos posso asseverar: nenhum inimigo jamais prenderá vivo o nobre Bruto. Os deuses o defendam desse opróbrio. Onde quer que o encontrardes, vivo ou morto, igual será a si próprio, igual a Bruto.

ANTÔNIO

Não é Bruto esse, amigo; mas garanto-vos que não é presa de valor somenos. Guardai este homem em lugar seguro, dispensando-lhe trato generoso. Prefiro não ter tais homens como amigos a tê-los como inimigos. Apressai-vos; ide ver se está Bruto vivo ou morto. Depois, à tenda me direis de Otávio como tudo correu.

(*Saem*)

CENA V

Outra parte do campo de batalha. Entram Bruto, Dardânio, Clito, Estrato e Volúmnio.

BRUTO

Vinde, resto minguado dos amigos; descansai nesta pedra.

CLITO

Houve quem visse a tocha de Estatílio; no entretanto, senhor, ele não veio; ou ficou preso, ou já se encontra morto.

BRUTO

Clito, senta-te. “Matar” é a senha; o feito está em moda. Escuta, Clito.

(Fala-lhe ao ouvido)

CLITO

Que dizeis, senhor? Não, pelo mundo todo.

BRUTO

Então, caluda!

CLITO

Prefiro suicidar-me.

BRUTO

Ouve, Dardânio.

(Fala-lhe ao ouvido)

DARDÂNIO

Eu, incumbir-me de tal coisa? Nunca!

CLITO

Oh, Dardânio

DARDÂNIO

Oh, Clito!

CLITO

Que pedido funesto te fez Bruto?

DARDÂNIO

O de matá-lo. Vê; ele medita.

CLITO

Esse vaso admirável se acha, agora, tão cheio de amargura, que dos próprios olhos se lhe transbordam.

BRUTO

Bom Volúmnio, chega-te para perto; uma palavra.

VOLÚMNIO

Que disse meu senhor?

BRUTO

Isto, Volúmnio: o espírito de César por duas vezes me apareceu de noite; em Sardes, uma; e, na noite passada, aqui nos campos de Filipos. Minha hora já soou.

VOLÚMNIO

Não é assim, senhor.

BRUTO

É sim, Volúmnio. Bem vês, Volúmnio como as coisas correm: neste combate, nossos inimigos até à beira do abismo nos trouxeram. É mais digno de nós saltarmos nele, do que esperar que venham empurrar-nos. Meu bondoso Volúmnio, como sabes, à escola fomos juntos. Ora, em nome dessa antiga amizade, instante peço-te: segura-me esta espada, que sobre ela me precipitarei.

VOLÚMNIO

Isso, senhor, não é serviço que um amigo faça

(Alarma ao longe)

CLITO

Fugi, senhor. Aqui correis perigo.

BRUTO

Adeus a vós, e a vós; e a ti, Volúmnio. Dormiste, Estrato, quase todo o tempo; adeus, também, Estrato. Compatriotas, o coração me salta de alegria pelo fato de nunca haver achado ninguém que não me houvesse sido fiel. Mais glória ganharei nesta jornada desastrosa, que Otávio e Marco Antônio hão de alcançar com sua vil conquista. A vós todos, adeus; pois dentro em pouco a voz de Bruto acabará sua história. A noite escura os olhos me recobrem; já me pedem repouso os lassos ossos, que só se azafamaram tanto e tanto, para esta hora alcançarem.

(Alarma. Gritos, dentro: "Fugi todos!")

CLITO

Fugi, senhor!

BRUTO

Depressa! Já vos sigo. *(Saem Clito, Dardânio e Volúmnio)* Estrato, por obséquio, fica ao lado de teu amo. És pessoa bem formada; chispas de honra tens sempre revelado. Segura-me esta espada e vira o rosto, porque nela eu me atire. Far-me-ás isso?

ESTRATO

Dai-me, primeiro, a mão, meu senhor.

BRUTO

Adeus, bondoso Estrato. *(Atira-se de encontro à espada)* César, podes acalmar-te; contente a morte aceito, como no instante de ferir-te o peito. *(Morre)*

(Alarma. Retirada. Entram Otávio, Antônio, Messala, Lúcio e o exército)

OTÁVIO

Quem é este homem?

MESSALA

O criado de meu amo. Onde se encontra, Estrato, teu senhor?

ESTRATO

Livre dos elos, Messala, que vos pesam. Cinza, apenas, poderão fazer dele os vencedores. Bruto só foi vencido por si mesmo: ninguém mais se gloria com sua morte.

LUCÍLIO

É assim mesmo que Bruto deveria ser encontrado. Agradecido, Bruto, te fico por haveres confirmado quanto Lucílio disse.

OTÁVIO

A meu serviço não de ficar quantos serviram Bruto. Queres servir-me, amigo, de ora em diante?

ESTRATO

Se Messala quiser recomendar-me.

OTÁVIO

Fazei isso, Messala.

MESSALA

Estrato, como pereceu teu amo?

ESTRATO

A espada eu segurei; jogou-se nela.

MESSALA

Então, Otávio, aceita-o, que ao seu amo prestar soube ele o último serviço.

ANTÔNIO

Foi o mais nobre dos romanos. Todos os mais conspiradores, tirante ele, o feito realizaram por inveja de César. Bruto, apenas, foi levado por uma ideia honesta e o bem de todos a ligar-se aos demais. Era de vida tranquila, e os elementos de tal modo nele vieram a se unir, que a natureza podia levantar-se e ao mundo inteiro proclamar: “Eis aqui, de fato, um homem!”

OTÁVIO

De acordo com seu mérito o tratemos, realizando com o máximo respeito os ritos funerais. Esta noite seu corpo ficará na minha tenda com honras adequadas a um guerreiro. Mandai tocar repouso para o exército. Quanto a nós, dividamos com alegria as glórias deste grande e feliz dia.

(Saem)